



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**RAFAEL PERBONI**

**ENFRENTAMENTOS NO EXERCÍCIO DA PATERNIDADE DE PAIS DE  
CRIANÇAS USUÁRIOS DA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO BAIRRO BELA  
VISTA - PALHOÇA**

Palhoça  
2008

**RAFAEL PERBONI**

**ENFRENTAMENTOS NO EXERCÍCIO DA PATERNIDADE DE PAIS DE  
CRIANÇAS USUÁRIOS DA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO BAIRRO BELA  
VISTA – PALHOÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa  
Catarina, como requisito parcial à obtenção do título  
de Psicólogo.

Orientadora: Professora Ana Maria Pereira Lopes, Msc.

Palhoça

2008

**RAFAEL PERBONI**

**ENFRENTAMENTOS NO EXERCÍCIO DA PATERNIDADE DE PAIS DE  
CRIANÇAS USUÁRIOS DA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO BAIRRO BELA  
VISTA – PALHOÇA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Psicólogo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 18 de Novembro de 2008.

---

Prof<sup>a</sup>. e Orientadora Ana Maria Pereira Lopes, Msc.

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Zuleica Pretto, Msc.

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Vanderlei Brasil

Universidade do Sul de Santa Catarina

## RESUMO

A paternidade é um fenômeno social e familiar que se dá no universo de relações do pai face aos enfrentamentos que se impõem a este perfil de ser. A presente pesquisa objetiva identificar esses enfrentamentos na vida concreta do pai, em especial no que diz respeito à relação deste com seus filhos, com a mãe de seus filhos e com sua própria condição emocional. Para tanto foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pais de crianças até 12 anos incompletos usuários da Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça. Utilizou-se como base teórica autores que trabalham a dimensão histórica e social da paternidade, com enfoque nas pesquisas provenientes da psicologia existencialista sartreana. Os dados reunidos foram submetidos ao método de análise de conteúdo, no que resultaram os seguintes grupos de categorias: “Relação pai-filhos”; “Cuidados e atenções às necessidades de desenvolvimento dos filhos”; “Relações intervenientes na criação dos filhos”; “Estratégias na criação dos filhos”; “Concepções de paternidade/maternidade”; “Sentimentos advindos com a paternidade”. Constatou-se que permanece predominante o modelo de pai como provedor e principal responsável pela educação moral dos filhos, tal como faziam as gerações anteriores. Observa-se o esforço de superação desse modelo com o envolvimento pelos pais nos cuidados e atenções aos filhos, na prática se efetivando na assunção de responsabilidades nesses cuidados. A relação com outros familiares, assim como os desdobramentos das novas configurações familiares, interferem diretamente no movimento paterno. O pai distanciado emocionalmente só é confirmado nesta pesquisa em situação de afastamento geográfico, sendo que nos demais casos se encontram envolvidos em uma diversidade de sentimentos na relação com os filhos. Conclui-se que, em contraste com a prevalência dos modelos paternos de outras gerações, o pai se depara com novos enfrentamentos no exercício da paternidade provenientes da necessidade pessoal de superar os modelos anteriores em busca do bem-estar geral do filho. A estes enfrentamentos, somam-se os de gerações anteriores: ser um exemplo aos filhos, educá-los moralmente e garantir as condições materiais necessárias.

Palavras-chave: Paternidade. Atenção Básica. Psicologia da Saúde.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
1.1 PROBLEMÁTICA.....	6
1.2 OBJETIVOS.....	9
1.3 JUSTIFICATIVA.....	9
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
2.1 PERSONALIDADE, PATERNIDADE E EMOÇÃO.....	14
2.2 ENVOLVIMENTO PATERNO.....	17
2.3 RELAÇÃO PARENTAL.....	19
2.4 SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE E UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE.....	22
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	24
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	24
3.2 PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO.....	24
3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS.....	24
3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE.....	25
3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	25
3.6 PROCEDIMENTO DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO.....	25
3.7 PROCEDIMENTO DE CONTATO COM OS PARTICIPANTES.....	25
3.8 PROCEDIMENTO DE COLETA E REGISTRO DE DADOS.....	26
3.9 PROCEDIMENTO DE ORGANIZAÇÃO, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....	26
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	27
4.1 QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	27
4.2 CUIDADOS E ATENÇÕES ÀS NECESSIDADES DE DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS.....	28
4.2.1 Cuidados com a educação formal dos filhos.....	28
4.2.2 Cuidados com a socialização dos filhos.....	30
4.2.3 Atendimento à saúde dos filhos.....	31
4.2.4 Cuidados com os valores transmitidos aos filhos.....	35
4.2.5 Atendimento das condições materiais.....	38
4.3 RELAÇÕES INTERVENIENTES NA CRIAÇÃO DOS FILHOS.....	41
4.3.1 A figura da mãe em relação ao pai.....	41

<b>4.3.2 A presença de familiares em relação ao pai.....</b>	<b>45</b>
<b>4.3.3 As relações de outras gerações na criação dos filhos.....</b>	<b>46</b>
<b>4.4 ESTRATÉGIAS DA FAMÍLIA.....</b>	<b>47</b>
<b>4.4.1 Estratégias de apoio.....</b>	<b>47</b>
<b>4.4.2 Estratégias paternas.....</b>	<b>49</b>
<b>4.4.3 Perspectivação do projeto de vida dos pais.....</b>	<b>49</b>
<b>4.5 RELAÇÃO PAI-FILHOS.....</b>	<b>51</b>
<b>4.5.1 Qualidade do contato com os filhos.....</b>	<b>51</b>
<b>4.5.2 Distância em virtude da separação.....</b>	<b>57</b>
<b>4.6 CONCEPÇÕES DE PATERNIDADE/MATERNIDADE.....</b>	<b>59</b>
<b>4.7 SENTIMENTOS ADVINDOS COM A PATERNIDADE.....</b>	<b>61</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO B – Termo de consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações.....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente relatório de pesquisa se refere ao Trabalho de Conclusão de Curso realizado com base nas práticas de campo de estágio do Núcleo orientado de saúde do curso de psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) concretizado no segundo semestre de 2008. Para tal, foi realizado entrevistas com pais de crianças usuários da Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça, questionando-os sobre aspectos práticos de seu cotidiano na criação desses filhos. Os conteúdos apresentados foram organizados em categorias para fins de análise e discussão, com amparo de autores de diversos campos de conhecimento, em especial os da Psicologia Existencialista. O relatório é composto por: exposições da problemática em questão; exposição dos objetivos gerais e específicos; sua justificativa social e científica; a apresentação do referencial teórico que norteia a pesquisa; a apresentação da metodologia adotada; o cronograma de desenvolvimento da pesquisa; a análise e discussão dos resultados; e as considerações finais do autor a partir dos resultados encontrados. A pesquisa tem por objetivo a identificação dos enfrentamentos<sup>1</sup> encontrados por pais de crianças usuários da Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça em exercer sua paternidade.

### 1.1 PROBLEMÁTICA

Há esclarecimentos que se fazem necessários quanto aos enfrentamentos encontrados por pais para exercer sua paternidade. Recorrendo às evidências estatísticas, não é rara a figura do pai ausente, ou ainda da criança que cresce sem mesmo conhecer o pai. Thurler (2006) estima que em torno de 25% dos nascimentos no Brasil não possuem reconhecimento paterno, o que, segundo a autora, “expressa a resistência cultural e legal em superarmos o heteropatriarcalismo” (IBID.: 687), resultado de “práticas arbitrárias em um contexto cultural sexista e misógino” (IBID.: 688). Tais dados evidenciam que certos

---

<sup>1</sup> Por enfrentamento, adota-se a concepção de Cerqueira (2000) que a compreende como a resposta às condições de vida, reais ou não, que nos causam desconforto, com vistas ao bem-estar geral. Dessa concepção, diverge-se apenas em relação ao aspecto de desconforto, pois nesta pesquisa se compreende que qualquer condição de vida com vistas ao bem-estar geral é um enfrentamento, causando esta ou não desconforto. Tal diferenciação está de acordo com Ferreira (1975) que define enfrentar como “Pôr ou estar defronte de; defrontar, confrontar” (IBID: 526), sem condicionar este conceito ao desconforto.

obstáculos instituídos se interpõem entre o homem e a assunção de sua paternidade, intervenientes próprias de nosso contexto antropológico<sup>2</sup>, enraizadas na prática cotidiana do homem brasileiro.

Considerando as questões relacionadas às representações sociais de paternidade e identidade paterna, verificamos que estas são produções sociais de certo tempo e contexto. Hennigen & Guareschi (2002) afirmam que ser pai é “uma construção contínua, plural e sempre em aberto, que se processa na tensão cultura/indivíduo” (IBID.: 45). Os autores, citando Trindade, Andrade & Souza (1997) nos apresentam dados de um estudo de representações sociais da paternidade de homens de duas gerações: pais da década de 1980, principalmente os de nível de escolaridade superior, enfatizam os aspectos afetivos da relação pai-filho; pais da década de 1960, por outro lado, enfatizam sua função como provedor e modelo de moralidade. Esses dados contextualizam a paternidade como um fenômeno próprio de certa realidade social e temporal, ou seja, de certo contexto antropológico, contradizendo a compreensão de paternidade como sendo um fenômeno natural e estático.

O fenômeno da paternidade não se esgota em um estereótipo de figura paterna. Gomes & Resende (2007) afirmam, a partir de sua experiência na prática clínica, que a figura paterna transita em meio às situações terapêuticas de forma variada, cada qual construindo, a seu modo, o pai institucional, o pai provedor, o pai protetor, o pai herói, forte e viril, o pai frágil, o pai omissor, entre outros. Como fica evidente, não se trata aqui da paternidade enquanto expressão estereotipada de um sujeito singular, mas do pai em meio à sua vida de relações, dada certas condições materiais, certos outros, certo tempo e espaço. É na relação com seu filho, na relação parental e na relação com suas próprias emoções, entre outros aspectos, e os desdobramentos dessas relações dado certo contexto antropológico, que o sujeito singular se concretiza como sendo pai.

A condição psicológica de um pai face ao *ser* pai, sua insegurança, frustrações ou satisfações diante da paternidade, para citar algumas possíveis emoções, torna-se objeto de enfrentamento que pode dificultar ou facilitar a superação da realidade rumo ao bem-estar geral. Embora essa condição não seja imutável, ela é indescartável, pois é própria da dinâmica de ser do sujeito diante da realidade que enfrenta e com ele ocorre, ainda que eventualmente não o queira.

---

<sup>2</sup> Contexto antropológico é aqui utilizado como abrangendo o homem em sua cultura, classe social, contingência material e sistemas de racionalidade que o influenciam, conforme nos apresenta Schneider (2006). Para esta pesquisa, portanto, o antropológico é o espaço ou contexto humano em suas possibilidades concretas.

Da relação entre o pai e a mãe se desdobra certa contingência. A qualidade da relação entre os genitores aparece como condição indescartável no exercício da paternidade. De acordo com Prado, Piovanotti & Vieira (2007), a interação parental e os papéis que cada um dos pais assume modelam e estimulam o cuidado na criação dos filhos, com ambos os genitores contribuindo diretamente para o desenvolvimento infantil. Não se ignora que filhos criados em meio a constantes conflitos parentais, ou ainda sob exigências contraditórias de ambos os genitores, venham a se desenvolver em diferentes condições que crianças em lares menos turbulentos. Como esclarece Prado & outros (2007), a maneira como a relação parental é percebida mutuamente se reflete no cotidiano familiar, com conseqüências nos cuidados recebidos pelas crianças. Desse modo, a paternidade é desafiada pela relação com a maternidade e não se pode excluir essa realidade do recorte existencial que é ser pai, ou seja, do homem enquanto pai também na relação com a mãe de seu filho.

Goldberg & Easterbrooks (1984), citados por Braz, Dessen & Silva (2005), concluíram em estudos sobre o desenvolvimento de crianças pequenas em famílias com dois genitores que “o ajustamento e a harmonia do casal tinha efeitos no comportamento das crianças” (IBID.: 152). Citando ainda outros autores (Bigras & Paquete, 2000; Bond & McMahan, 1984; Carter & McGoldrick, 1980/1995; Emery, Fincham, & Cummings, 1992; Erel & Burman, 1995; Féres-Carneiro, 1998; Grych & Fincham, 1990; Heavey, Shenk & Christensen, 1994; Siqueira, Ribeiro & Duarte, 1999) e na mesma direção de evidências, Braz e outros (2005) afirmam que há correlação entre os distúrbios na relação dos pais e problemas de comportamento dos filhos, e exemplificam dizendo que mães insatisfeitas na relação conjugal tendem a demandar mais de suas crianças e pais insatisfeitos tendem a agir de modo intrusivo e negativo com os filhos, em contraposição aos cônjuges satisfeitos, que tendem a mostrar coerência entre si e na relação com os filhos. Em outro exemplo, Gottman & Katz (1989), citados por Braz & outros (2005), demonstram a associação entre o estresse marital e a saúde dos filhos, onde a discórdia do casal poderia deixar as crianças mais suscetíveis a doenças físicas. Nas pesquisas desses autores se evidenciou que filhos de casais insatisfeitos tendiam a se relacionar negativamente com seus pares, a brincar menos e a ter uma saúde pior que as demais.

Isto posto, o problema de pesquisa que esse estudo pretende responder é: **quais os enfrentamentos encontrados por pais de crianças para exercer sua paternidade?** Em se considerando as questões aqui problematizadas, não cabem aos objetivos da presente pesquisa encerrar a compreensão da paternidade em um padrão pré-definido, mas voltar-se para as relações que permitam identificar enfrentamentos singulares e universais encontrados por pais

de crianças usuários da Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça, ou seja, considerando-se a especificidade desta população em dado contexto antropológico. Para fins de pesquisa, a paternidade aqui se refere à relação por filiação natural do genitor ou por adoção. A conceituação de criança aqui adotada é aquela delimitada pelo Artigo 2º da lei 8.069 de 13 de janeiro de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos (...)”. A paternidade, em sua complexidade aqui brevemente exposta, exige pesquisas que possam viabilizar esclarecimentos e intervenções, intuito este que direciona o presente estudo e que é próprio do avanço científico.

## 1.2 OBJETIVOS

### Objetivo Geral:

Identificar os enfrentamentos encontrados por pais de crianças para exercer sua paternidade.

### Objetivos específicos:

- Identificar os enfrentamentos referentes aos aspectos emocionais do pai;
- Identificar os enfrentamentos referentes à relação do pai com o filho;
- Identificar os enfrentamentos na relação do pai com a mãe.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

É possível considerar que certa parte do aprofundamento da compreensão do fenômeno da paternidade ainda esteja para ser construído quando se observa a escassa literatura sobre o tema. Utilizando-se, na maior parte da presente pesquisa, do banco de dados

disponibilizado pelo site Scielo (Scientific Electronic Library Online)<sup>3</sup> para o levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, encontra-se uma predominância de estudos sobre a paternidade ocorridos na primeira década do século XXI. Levandowski & Piccinini (2006) afirmam que o estudo da paternidade tem sido relegado a uma posição de menor destaque em relação aos estudos sobre a maternidade, ainda que se observe um aumento de estudos nesta área. Silva & Piccinini (2007) constatam o mesmo aspecto, destacando que o interesse pelo estudo do papel do pai e de sua importância no desenvolvimento infantil é relativamente recente na Psicologia, ocorrendo contemporaneamente em resposta às mudanças culturais, sendo até recentemente predominante o modelo de pai no papel de provedor financeiro, permanecendo distante do espaço familiar e dos cuidados do filho.

Hennigen & Guareschi (2002) relacionam a falta de estudos mais aprofundados a respeito da relação pai-filhos com a naturalização da paternidade, por vezes assim considerada tanto pela ciência como pela crença popular. Os autores, citando Silveira (1998), afirmam que a ascensão do número de divórcios e o “natural” afastamento do pai inauguraram uma vertente de pesquisas que buscava investigar as conseqüências da ausência paterna. Destacam, entretanto, que somente a partir dos desdobramentos do feminismo, em busca da compreensão da mulher, que se passou a compreender melhor a masculinidade e a paternidade enquanto construções sociais. De acordo com os autores, as pesquisas sobre masculinidade remontam à década de 1970, mas são eclipsadas pelos estudos sobre mulheres, somente aparecendo com maior consistência na década seguinte, beneficiadas pelas reflexões em torno do conceito de gênero. A paternidade surge na ocasião como um campo particular de estudo onde se investiga a participação do homem no cotidiano familiar, prioritariamente no cuidado com os filhos.

No esforço de aprofundar a compreensão sobre a paternidade, alguns estudos da primeira década do século XXI vêm pesquisando a realidade de certas propriedades deste fenômeno. Levandowski & Piccinini (2006) organizaram, para fins de análise, quatro categorias temáticas envolvendo as expectativas e sentimentos paternos, denominadas: 1) Relacionamento com o bebê e desempenho do papel paterno; 2) Criação do filho; 3) Cuidados do bebê e 4) Mudanças pessoais. De modo semelhante, Silva & Piccinini (2007), pesquisando sobre sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno em um estudo qualitativo, organizaram outras quatro categorias temáticas que lhes orientaram em sua pesquisa, a saber:

---

<sup>3</sup> Site disponível no endereço: [www.scielo.org](http://www.scielo.org)

envolvimento paterno, relacionamento pai-criança, avaliação de paternidade e relacionamento pai-mãe.

Seguindo a mesma direção dos recentes estudos que buscam agregar conhecimento sobre este fenômeno ainda tão escassamente pesquisado, o presente trabalho se propõe à identificação dos enfrentamentos encontrados pelos pais de crianças e usuários da Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Bela Vista – Palhoça para exercer sua paternidade, possibilitando com esses dados uma futura referência nos trabalhos que atendam essa população, por exemplo, com a realização de um grupo de reflexão para pais na UBS em questão. Para citar um exemplo de benefício que se objetiva com o presente estudo se pode reportar a Jardim, Zavaschi, Costa, Perrone & Zeni (2007), que com base em resultados de estudos realizados por outros autores que identificavam fatores psicossociais, biológicos e afetivos que exerciam influência sobre o desenvolvimento infantil, desenvolveram métodos psicoterápicos de intervenção, com vistas à prevenção de complicações psicológicas. De modo similar, a produção de conhecimento científico sobre o fenômeno em questão identifica aspectos até então desconhecidos da realidade em foco, possibilitando certa qualidade de benefícios para o desenvolvimento de intervenções com a população objeto desta pesquisa e com outras do mesmo tipo.

Na relação do pai com seu ser se encontram enfrentamentos para exercer sua paternidade e identificá-los na população-alvo da presente pesquisa contribui com que esse enfrentamento seja dimensionado e instrumentalizado, para ações de intervenção cujo benefício seja o próprio exercício da paternidade e seus possíveis desdobramentos positivos. Se por vezes o pai e demais familiares desconhecem de onde surgem essas emoções e como com elas lidar, cabe à ciência possibilitar essa compreensão, e identificá-las é um dos passos indispensáveis para tal, assim como o é para o próprio avanço científico no aprofundamento a um fenômeno ainda escasso em estudos.

Ao se identificar os enfrentamentos encontrados pela população pesquisada para exercer sua paternidade estamos conhecendo por fim a singularidade de enfrentamentos com que se deparam a partir da experiência pessoal de ser pai. Enfrentamentos que dizem respeito aos aspectos emocionais e inter-relacionais do pai diante da família e da sociedade. Identificar esses enfrentamentos é condição de possibilidade para neles intervir em termos de Psicologia da Saúde, que segundo Farinati, Rigoni & Müller (2006), citando Miyazaki (2004), pode ser definida como o conjunto de contribuições da Psicologia para a promoção e manutenção da saúde e para a prevenção e tratamento das doenças, participando assim da análise do sistema de saúde e da definição de políticas de saúde.

De acordo com Campos, Rodrigues, Machado & Alvarez (2007), a Psicologia da Saúde surge como uma alternativa ao modelo fragmentado de promoção de saúde, pois considera os fatores biopsicossociais nos processos de adoecimento do indivíduo. O campo de pesquisa do presente estudo se restringe a uma Unidade Básica de Saúde, parte fundamental do sistema de saúde brasileiro, e é com base na identificação dos enfrentamentos dos pais frente aos aspectos biopsicossociais de suas vidas concretas que se possibilitará analisar a atuação do sistema de saúde, seu alcance e suas limitações, e definir as políticas que melhor atenderão a população objetivada nesta pesquisa, assim como reunir resultados que aprofundarão o conhecimento científico sobre o fenômeno.

Conforme afirmam Campos, Rodrigues, Machado & Alvarez (2007), modelos de intervenção em saúde exigem dos pesquisadores a condição de interdisciplinaridade, e o conhecimento produzido pela Psicologia vem se somar aos da Biologia, da Medicina, da Economia e de outros campos do saber para a realização de ações de intervenção. Os autores destacam que é cada vez maior a demanda por profissionais de Psicologia que possam atuar em equipes multidisciplinares em hospitais, casas de apoio, postos de saúde e outras entidades ou instituições. É no horizonte de favorecer esses profissionais com conhecimentos científicos que o presente estudo foi objetivado, no intuito de que os dados se somem aos das demais disciplinas científicas e subsidiem os modelos de intervenção a serem realizados, em particular aos que atendam à população em questão.

A carência de conhecimentos específicos sobre a população objetivada traz dificuldades para o planejamento de modelos de intervenção, ou mesmo sua inviabilização. Sève (1979), citado por Castro (2001), chama a atenção quanto à necessidade de uma investigação bem sucedida das leis fundamentais de desenvolvimento do objeto de estudo, para poder dessa forma dominá-lo na teoria e na prática, pelo qual entende ser o fim de todo o empreendimento científico. Compreende-se que o prejuízo do desconhecimento do fenômeno em questão transcende à inviabilização de modelos de intervenção e desdobraria na impossibilidade de atender adequadamente as necessidades da população objetivada, com conseqüências sociais próprias dessa inadequada ou ausente intervenção. Ainda que o presente estudo esclareça apenas um limitado perfil do fenômeno objetivado, é com contribuições específicas e precisas nos termos da ciência que se constrói o conhecimento necessário para a compreensão do objeto, o que por fim possibilitaria nele intervir beneficiando a população objeto desta pesquisa.

Ainda que se considerem as singularidades de cada contexto familiar, em uma mesma comunidade é possível encontrar enfrentamentos que por vezes possuem aspectos

semelhantes entre si. Essa universalidade dentro da singularidade é fundamental para o exercício da ciência, que organiza teoricamente os fenômenos de acordo com suas características essenciais, sem ignorar suas particularidades. Identificar o que há de universal nos enfrentamentos encontrados por pais da Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça é trazer à luz enfrentamentos concretos de suas vidas cotidianas para generalizar certos conhecimentos científicos que dizem respeito àquela comunidade, em prol do bem-estar da mesma e em benefício do avanço científico no esclarecimento a um fenômeno escassamente pesquisado. Identificar as singularidades dos mesmos enfrentamentos é dar dimensão e contornos às dificuldades e alegrias que esses pais experienciam ao serem quem são, dadas as circunstâncias em que vivem. É com esses aprofundamentos que se almeja alcançar demarcações dessa realidade que serão instrumentais aos futuros trabalhos sobre paternidade, em especial com essa população, mas não a ela restrito. É nesse horizonte de contribuição que o presente estudo se presta a servir.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 PERSONALIDADE, PATERNIDADE E EMOÇÃO

A presente pesquisa é fundamentada pela perspectiva ontológica, antropológica e psicológica existencialista sartreana, a partir das obras de Sartre e demais estudos científicos de existencialistas sartreanos. Nesse horizonte, fazer ciência é “conhecer as condições de possibilidade dos fenômenos, compreendo-os em seu contexto” (Schneider, 2002, p.94), ou nas palavras de Sartre (1965), esclarecer “as condições de possibilidade de certos fenômenos de ordem geral” (IBID.: 11). Schneider (2002) afirma que, sem a devida demarcação e definição precisa de seu objeto, a ciência fica às cegas. Cabe neste momento delimitar certas demarcações teóricas que sustentam a compreensão do fenômeno da paternidade e suas condições de possibilidade dado seu contexto, possibilitando a construção científica.

Sartre (1994) nos esclarece que “o *Ego* não está *na* consciência nem formal nem materialmente: ele está fora, *no mundo*; é um ser do mundo, tal como o *Ego* de outrem” (IBID.: 43), ou ainda, “o *homem* é um ser do mesmo tipo que o *mundo*, sendo mesmo possível, como acredita Heidegger, que as noções de mundo e de “realidade-humana” (*Dasein*) sejam inseparáveis” (Sartre, 1965, p. 11), o que implica no *Ego*, ou personalidade, como decorrente de nossa objetivação no mundo, e conseqüentemente a psicologia como interessada no “homem no mundo” (IBID.: 21). O *Ego*, ou personalidade, corresponde à unificação das consciências dos estados (ou emoções), das ações e das qualidades (enquanto síntese totalizadora dos estados) (Sartre, 1994, p. 59), consciências essas que são espontâneas, mas ao serem criticamente apropriadas vão sendo unificadas, tornando-se constituintes do *Ego*. Ainda tratando da personalidade e no intuito de delinear uma precisão funcional entre “dois aspectos de uma mesma realidade” (IBID.: 58), o autor nomeia o *Je* (Eu) como a unidade das ações, onde criticamente nos apropriamos das consciências espontâneas, distinguindo-o do *Moi* (Mim) como este sendo a totalidade psicofísica dos estados e qualidades, vivenciadas espontaneamente no cotidiano (Schneider, 2002, p. 208).

Cada perfil possível ao homem, ser filho, amigo, companheiro, irmão, para citar alguns exemplos, “constitui a face ativa a personalidade” (Ehrlich, 2002, p. 45), ou seja, é a personalidade enquanto unidade de ações (concretamente sendo, pela ação, filho, amigo, companheiro, irmão, etc.) onde objetivamente o homem se faz certo sujeito na relação com o

mundo, dado seu campo de possibilidades. Desses perfis se desdobrarão certas emoções e qualidades, que serão apropriadas e igualmente constituirão a personalidade do sujeito.

A paternidade é um dos perfis possíveis para uma personalidade. O homem que é pai, somente o é pelo movimento concreto no mundo, nas suas ações, emoções e qualidades diante da objetivação que é gerar e/ou criar um filho. Desse modo, ser pai é constitutivo da personalidade do sujeito que concretamente gerou e/ou criou um filho, e nas relações que desdobram dessa realidade se tornou certo sujeito e não outro. Como afirma Ehrlich (2002), “é na relação com os outros que constituímos nossos sentimentos, e é precisamente nesse mundo concreto que os encontramos” (IBID.: 41). É na reciprocidade na relação com o filho que concretamente encontramos o pai, em suas ações, qualidades e emoções.

Schneider (2002) esclarece que nenhum ser humano nasce sem estar inserido em um espaço social, rodeado de certas pessoas, em um dado contexto sócio-histórico. Mesmo os bebês abandonados necessitam serem cuidados por alguém; esta é a condição primeira para a personalização, sem a qual não transcendemos a condição de “animal comum”. Como expõe a autora, essa inserção social ocorre através daqueles que são mais próximos à criança, que a medeiam na relação com as necessidades concretas do sujeito, em intersecção com a herança antropológica estabelecida através dos valores sociais e da cultura. Esse espaço é, na maioria dos casos, o da família.

É no interior do espaço familiar que a criança vai construindo seu ser, se personalizando de acordo com o modo que aqueles que a cercam estabelecem concretamente expectativas para quem deve ser. Sartre (1971), afirma que “a personalização não é mais do que, no indivíduo, a superação e a conservação (assunção e negação íntima) no seio de um projeto totalizador daquilo que o mundo fez - e continua a fazer - dele” (IBID.: 657). Como exemplifica Schneider (2002), desde muito cedo aqueles que são mais próximos à criança afirmam que ela é quieta, ou é muita agitada, se parece com o pai em certos aspectos físicos e psicológicos, querem que ela aja de determinada maneira, educam para que se comporte de determinada forma, e assim “constroem, aos poucos, uma maneira para lidar com ela, na afetividade e na racionalidade” (IBID.: 229). Essas nuances do relacionamento familiar são as condições de possibilidade pelas quais a criança irá desenvolver seu ser e se personalizar, “pelas quais ela se faz ser aquilo que fizeram dela” (IBID.: 230). Em outras palavras, é no interior da família que se apresentam para a criança as possibilidades para seu ser; o que ela fará a partir desse contexto será constitutivo de sua personalidade.

As famílias, por sua vez, estão inseridas em determinado contexto social, sendo pertencentes a certa classe social. Lenin (1980) define classe social como “grandes grupos

humanos que se diferenciam entre si pelo lugar que ocupam no sistema de produção historicamente determinado, pelas relações em que se encontram em respeito aos meios de produção (relação que em grande parte estão estabelecidas e formuladas pelas leis), pelo papel que desempenham na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo e proporção em que percebem a parte de riqueza social que dispõem” (IBID: 140). Na maior parte das vezes este lugar no sistema de produção se propaga por gerações, uma vez que dificilmente grupos que indispõem de meios de produção conseguem transcender essa contingência. Por conta dessas diferenças de classe social encontramos uma heterogeneidade de condições familiares de acordo com o papel determinado destas nos meios de produção. Tal concepção condiz com a compreensão antropológica da psicologia existencialista enquanto possibilidades concretas para que as famílias se estruturam e se desenvolvam a partir de dado lugar social em que estão inseridas. Deste modo, o pai será certo pai também de acordo com suas possibilidades a partir da classe social da qual veio e a qual pertence. É importante que se considere essa variável em qualquer análise em que se busque investigar o pai concreto em sua vida de relações, sob risco de abstraí-lo ou julgá-lo a partir de parâmetros que não dizem respeito à sua realidade objetiva.

Sartre (1965) expõe as emoções como uma forma de relação com o mundo, como coloca: “a consciência emocional é, antes do mais, consciência *do* mundo” (IBID.: 48), e ainda “a emoção é uma determinada maneira de apreender o mundo” (IBID.: 49). É sempre na relação com algum objeto emocionador que o fenômeno da emoção ocorre: sentir raiva é sentir raiva de algo ou alguém, sentir alegria é senti-la por alguma coisa, envergonhar-se é se sentir assim diante de algo, para exemplificar algumas emoções. Como esclarece: “o indivíduo emocionado e o objeto emocionador são unidos numa síntese indissolúvel” (IBID.: 49). O autor afirma que, ainda que o sujeito não tenha clareza de que relações estão lhe provocando essas emoções, elas lhe ocorrem em função de certos aspectos concretos da realidade, mesmo que não as queira. Nesse sentido, ela é espontânea e, ainda que esta seja produzida pelo sujeito, ocorre como se fosse “tomado” por ela, à revelia de seu querer. Como coloca o autor, “a emoção é sofrida” (IBID.: 67) e exemplifica: um sujeito que se amedronta diante de certa situação, ainda que sua ação seja de permanecer e lutar, não pode evitar que lhe ocorra o medo, seu coração dispare, seu corpo trema.

De acordo com Sartre (1965), as emoções cumprem a função de transformação mágica do mundo quando esse se evidencia em suas adversidades, para isso transformando o próprio sujeito que com ele se relaciona. É quando “tentamos, então, mudar o mundo, isto é, tentamos viver como se as relações entre as coisas e as suas potencialidades não fossem

governados por processo deterministas, mas pela magia” (IBID.: 55). Ou seja, mágico aqui se aplica no sentido de que o mundo passa a não mais seguir os determinismos da realidade. Não sendo possível alterar o mundo que é insuportável em sua adversidade, o sujeito altera espontaneamente seu corpo, para assim alterar magicamente o mundo, ou como coloca o autor, “a consciência transforma-se justamente para transformar o objeto” (IBID.: 55), ou ainda “na emoção é o corpo que, dirigido pela consciência, altera as suas relações para com o mundo para que o mundo altere suas qualidades” (IBID.: 57). Schneider (2002) exemplifica isso adequadamente com o sujeito que, após terminar um relacionamento importante, perde o desejo de sair de casa, se entristece, não quer sair do quarto, chora o tempo todo, não quer se encontrar com os amigos, e com isso deixa de enfrentar a dura realidade que é se encontrar com certas pessoas e lugares que remetem a esse relacionamento. É uma transformação mágica do mundo como sendo este agora desinteressante, os amigos como sendo repulsivos, os lugares como sendo tristes e inadequados.

Isto exposto, compreende-se que não ocorre diferente com um sujeito no exercício da paternidade, passivo de certas emoções com as quais terá que se haver. Para os fins desta pesquisa não se buscará compreender a gênese, os objetos emocionadores ou a função mágica que a emoção cumpre diante do exercício da paternidade, mas encontrar o pai se confrontando com a ocorrência de suas emoções, identificando assim os enfrentamentos conseqüentes dessa realidade. Se, por exemplo, um pai sente insegurança decorrente do exercício da paternidade, como esse sujeito enfrenta sua insegurança? Identificar os enfrentamentos referentes aos aspectos emocionais do pai é identificar o movimento objetivo de ser pai diante das emoções que lhe ocorrem.

## 2.2 ENVOLVIMENTO PATERNO

Silva & Piccinini (2007), citando McBride & Rane (1997), afirmam que há uma falta de clareza e consistência na definição do conceito de envolvimento paterno, o que prejudica o estudo da paternidade. A isso vem se somar as transformações advindas das transformações dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, o que de acordo com os autores estão mudando rapidamente, criando novas expectativas e atitudes no que se refere à maternidade e paternidade, o que por fim acaba por dificultar a conceituação desses papéis. Em um mundo que não é estático e não sendo a compreensão da maternidade e da paternidade

dadas naturalmente, mas sim construídas socialmente (Hennigen & Guareschi, 2002), há de se considerar esses movimentos nos esforços de demarcações conceituais.

Como esclarecem Silva & Piccinini (2007) o conceito de envolvimento paterno vem sido caracterizado de maneiras diversas na psicologia e ciências sociais; enquanto certos estudos o vinculam à participação do pai na família, outros estendem essa compreensão em aspectos como o comportamento do pai, a interação com a criança, a satisfação com a paternidade e a qualidade da relação pai-criança. Lamb, Pleck, Charnov & Levine (1985), caracterizam o envolvimento paterno em três aspectos de avaliação: interação, acessibilidade e responsabilidade. Interação envolve cuidados e atividades compartilhadas com o filho em contato direto; acessibilidade como condição de possibilidade para as interações através de disponibilidade física e psicológica para o filho; e responsabilidade como a condição do pai em garantir os recursos e cuidados práticos necessários para o filho.

Como já dito, a paternidade é um dos perfis possíveis para uma personalidade. Os aspectos que decorrem do envolvimento paterno dizem respeito às possibilidades de objetivação desse perfil. Afirma Sartre (1989), que o homem “não é algo que *primeiramente* seria, para pôr-se *depois* em relação com tal ou qual fim, senão ao contrário, um ser que é originalmente pro-jeto, quer dizer, que se define por seu fim” (IBID.: 479). Desse modo, dentre outras finalidades possíveis em que o homem se “pro-jeta”, está a paternidade enquanto realização de um perfil de ser, empreitada essa que define o próprio ser do homem, nesse caso como sendo certo pai, em certas ações, emoções e qualidades.

O envolvimento paterno não se resume, portanto, na interação pai-filho; abrange, por exemplo, a responsabilidade financeira que decorre dos gastos com a saúde e a educação do filho. Igualmente desafiante, a relação parental exige, entre outras coisas, lidar com conflitos entre os pais, que organizam a criação do filho em decisões nem sempre coincidentes. Essa dissonância é por vezes ampliada pelas circunstâncias materiais dos pais, nisso abrangendo sua realidade biopsicossocial. O envolvimento paterno e a relação parental terão suas condições dadas por essa realidade, pois se tratam de sujeitos no mundo, que enfrentam seus enfrentamentos com as possibilidades que se impõem. É possível que esses pais não se percebam das possibilidades de enfrentamento que estão disponíveis, e nesse esclarecimento a ciência pode exercer sua contribuição, mas não sem antes identificar quais são esses enfrentamentos e em quais circunstâncias se dão.

Isto posto, a opção por adotar a conceituação de Lamb & outros (1985) como apropriada para a finalidade da presente pesquisa se deve ao fato dessa demarcação se dirigir aos aspectos viabilizadores do perfil de pai, no que se refere a vida concreta de relações entre

um pai e seu filho e seus desdobramentos, com os quais o pai terá que se haver, o que condiz com a perspectiva aqui eleita e com as demarcações já expostas. Identificar os enfrentamentos referentes ao envolvimento paterno é identificar o movimento do pai face às exigências concretas que se desdobram da relação entre o pai e seu filho no exercício da paternidade, no que diz respeito aos aspectos de interação, acessibilidade e responsabilidade, em função da realização do “pro-jeto” de ser pai.

### 2.3 RELAÇÃO PARENTAL

Sendo, na maioria dos casos, no contexto da família que se dão as possibilidades para a personalização da criança, cabe para os fins desta pesquisa aqui demarcar a questão da relação parental face aos enfrentamentos do exercício da paternidade. A relação parental aqui se aplica como aquela que ocorre entre os genitores e/ou responsáveis em função da criação do filho, distinguindo-se esta da relação conjugal, onde os parceiros formam casais que possuem envolvimento afetivo entre si, ainda que seja frequente a concomitância entre ambos os tipos de relação.

Pesquisas onde esses fatores são concomitantes confirmam as demarcações até então aqui expostas (Braz, Dessen & Silva, 2005), no que diz respeito a: a) O ambiente familiar é decisivo no desenvolvimento físico, psicológico e social das crianças neles criados; b) Nas circunstâncias onde a relação parental é concomitante à relação conjugal, a relação parental é um elemento de caráter fundamental e indescartável, dentre outros, que compõe o ambiente familiar; c) Nas circunstâncias onde a relação parental é concomitante à relação conjugal, há enfrentamentos que decorrem da relação entre os genitores para o exercício da paternidade/maternidade. Considera-se nesta pesquisa que na relação parental, mesmo quando não concomitante com a relação conjugal, há enfrentamentos que decorrem da relação entre os genitores para o exercício da paternidade/maternidade.

Castells (1999), citado por Perucchi & Beirão (2007), coloca como vertiginoso o crescimento, no Ocidente, de configurações familiares diferentes do modelo tradicional, cujo padrão sociocultural é pautado no modelo patriarcal. Fonseca (2004), também citado por Perucchi & Beirão (2007), demonstra uma diversidade nos modelos de paternidade na contemporaneidade, e conseqüentes mudanças nos comportamentos entre pais e filhos. Como exemplificam Perucchi & Beirão (2007), num indicativo de mudança na hegemonia

masculina, foi registrado no ano de 2000 que aproximadamente 25% das famílias brasileiras eram chefiadas por mulheres, ou seja, nessas famílias são as mulheres as principais responsáveis em termos financeiros e decisórios, papéis historicamente atribuídos aos homens, o que implica em pais exercendo a paternidade em outros termos que os historicamente esperados. Como colocam Gomes & Resende (2004), o “novo homem”, em termos de virilidade e paternidade, é construído a partir da “exigência de revisão de seu papel no mundo contemporâneo” (IBID.: 120).

A mesma cultura sexista que gera desigualdades entre os sexos é a que põe em constante xeque a virilidade do homem moderno. Para Gomes & Resende (2004) virilidade e paternidade são temas que compõem a imagem de pai como o perfil do novo homem, ou da nova maneira de percebê-lo a partir da paternidade. Como os autores esclarecem, o sexo não garante ao homem a identidade masculina; há uma tendência a “lidar com a feminilidade como um dado da natureza, e com a masculinidade como uma conquista cultural” (IBID.: 121). Em outras palavras, a conquista da masculinidade passa por certas ações que o homem realiza, sendo a paternidade uma das muitas formas de se afirmar como másculo.

Amazonas & Braga (2006), descrevem algumas das novas formas de parentalidade na contemporaneidade: homoparentalidade, co-parentalidade, inseminação artificial com doador e recasamento. Nesse contexto, a família e a parentalidade são compreendidos como “construções sociais estabelecidas a partir de vínculos genéticos e/ou de convívio” (Perucchi & Beirão, 2007, p. 59), o que condiz com a concepção existencialista no que diz respeito às relações concretas e sua contextualização em dada contingência antropológica.

Derrida & Roudinesco (2004), citados por Amazonas & Braga (2006), designam homoparentalidade aquela onde pelo menos um dos pais se assume como homossexual. Devreux (2006) designa co-parentalidade a “parentalidade assumida conjuntamente” (IBID.: 619), ou seja, ambos os pais assumirem as responsabilidades que se desdobram da criação do filho. Devreux (2006) aponta avanços no que diz respeito à relação co-parental, que é a situação onde a criança está garantida na vinculação à dupla filiação, mas não se vê o mesmo em termos de co-parentalidade, pois o que se observa na prática ainda é a desigual divisão sexual desse trabalho, com essa função sendo assumida proporcionalmente mais pelas mães que pelos pais. Amazonas & Braga (2006) demarcam que a situação que configura a inseminação artificial com doador é aquela onde casais inférteis, por meio de tecnologia de reprodução assistida e pela doação de óvulos ou espermatozoides de outro que não o casal, tornam-se assim possibilitados a terem filhos.

Lobo (2005) estudou a situação que se configura nas famílias recompostas, consequência do recasamento, objeto de estudos especialmente a partir da década de 1970, em decorrência do aumento do número de divórcios e das estruturas familiares que deles se desdobram, fenômeno que obrigou a sociedade contemporânea a uma mudança na maneira de encarar as configurações familiares. Como afirma a autora, são famílias cujo “casal, casado ou não, vive no mínimo com uma criança nascida de uma união precedente de pelo menos um dos cônjuges” (IBID.: 92). São grupos domésticos com diferentes “expectativas, concepções de vida e padrões de comportamento” (IBID.: 109), em comparação com as tradicionais famílias nucleares. A autora esclarece que, na maior parte dos casos, trata-se de famílias de padrastos, já que a custódia dos filhos fica majoritariamente com as mães, e demarca por padrasto ou madrasta o “adulto cujo companheiro tem pelo menos uma criança de uma relação anterior” (IBID.: 93). A autora demonstra que muitas vezes a situação de recasamento é conflituosa para as crianças, ainda que não seja necessariamente complicadora. Também aponta a possibilidade de tensão entre o pai biológico e a ex-mulher, principalmente quando estas dificultam os pais de encontrarem regularmente os filhos, sendo este, dentre outros fatores, promotor de relações mais problemáticas entre os membros dessas famílias.

Como já demarcado anteriormente, na maior parte das vezes é no contexto familiar que uma criança se desenvolve, no que concordam as evidências já citadas de Braz, Dessen & Silva (2005) e o conjunto dos autores por eles referidos. O contexto antropológico contemporâneo comporta uma diversidade de espaços familiares possíveis para além da tradicional família nuclear, com pai e mãe unidos pelo casamento e filhos gerados e criados dessa união. Ao se transformarem as famílias, transformam-se também as possibilidades na relação parental. A relação parental é um elemento no contexto da família, e como tal se apresentará com certas qualidades que facilitarão ou dificultarão a realização do “pro-jeto” de paternidade. Cabe ao presente estudo encontrar os enfrentamentos dessa relação no que decorre do exercício desse “pro-jeto” de ser pai, ou dito em outras palavras, é buscar, em meio às condições contemporâneas de família, identificar o pai em situações objetivas onde o relacionamento parental interfere na sua relação paternal.

## 2.4 SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE E UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Benevides (2005) lamenta uma inserção insuficiente da psicologia no serviço de saúde pública brasileiro, sendo ainda predominante a redução dessa atuação em práticas clínicas individualizadas, abstraindo-a de uma interface onde o público e o privado são considerados parte do mesmo fenômeno. A autora afirma que a dicotomização das esferas públicas e privadas está na base da atuação insuficiente da psicologia na saúde pública brasileira, o que se traduziria em práticas equivocadas de intervenção, sem o confronto do sujeito com as circunstâncias sociais que lhe são determinantes. A concepção subjetivista, que deliberadamente ignora os aspectos antropológicos como se esses ocorressem em função do psíquico e não o inverso, encontra sua fundamentação em Descartes, como evidencia Schneider (2002): “Descartes instaura um subjetivismo sem recurso, quando define que a verdade, a realidade encontra-se no “eu”, uma *substância* pensante, que existe independente do corpo e do mundo” (IBID.: 233).

Van Den Berg (2000) afirma de modo equivalente que “foi Descartes que, com alguns outros, em obras de natureza filosófica, cavou um fosso entre o homem e o mundo, entre assuntos humanos e não-humanos e entre o *res cogitantes* e o *res extensae*” (IBID.: 38). Na mesma direção de esclarecimentos, Sartre (1994) apresentou a dualidade entre sujeito e objeto como puramente lógica, onde “o Mundo não criou o Eu, o Eu não criou o Mundo, eles são dois objetos para a consciência absoluta, impessoal, e é por ela que eles estão ligados” (IBID.: 83). Deste modo, uma psicologia inserida na saúde pública que desconsidere o sujeito em seu contexto antropológico não poderá atuar de forma suficiente para melhor benefício da comunidade.

Benevides (2005) prossegue descrevendo certos princípios que considera fundamentais para contribuir com a inserção da psicologia no sistema público de saúde: a inseparabilidade entre a experiência coletiva e os processos geradores de subjetividades; o comprometimento e engajamento da psicologia em transformar a realidade da saúde pública brasileira; e a construção de conhecimentos e intervenções viabilizados pela relação da psicologia com outros saberes, disciplinas e poderes. No que tange aos princípios de universalidade, equidade e integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS), que responde pelo serviço público de saúde brasileiro, a autora afirma que tais princípios somente se efetivam quando transformados em ação política, ou em outras palavras, “ação sobre os processos de constituição da cidade e dos sujeitos” (IBID.: 24). A autora aponta alguns

caminhos possíveis para a psicologia através de projetos de construção de redes, de grupidades e do aumento da participação institucional, dentre outros exemplos que considera viáveis.

Como esclarecem Nunes, Amador & Heineck (2008), as Unidades Básicas de Saúde (UBS) são as estruturas responsáveis pelas ações de atenção primária à saúde, servindo de porta de entrada para o SUS. Os autores afirmam que as UBS são resultado de um esforço em superar o modelo “hospitalocêntrico curativista”, enfatizando a atenção básica e a saúde familiar, no qual as UBS são fundamentais. Em se tratando em atenção básica e assistência à paternidade, observa-se a ausência de políticas públicas específicas para essa população. Pelos conhecimentos da psicologia existencialista se sabe que ignorar essa população é descuidar, nos serviços públicos de saúde, de um dos mais prevalentes perfis fundamentais do homem.

No conjunto das demarcações feitas até aqui, pode-se afirmar que a perspectiva existencialista sartreana coincide com os princípios preconizados pelo SUS, enquanto considera o homem em sua dimensão histórica, integralista, universalista, em prol do bem-estar humano e da diminuição das desigualdades sociais. A compreensão de constituição das personalidades a partir das condições antropológicas permite que se concebam intervenções promotoras e preventivas em saúde, para além das práticas clínicas tradicionais, ainda que essas sejam igualmente viáveis.

A noção de contexto familiar como espaço privilegiado de formação da personalidade é particularmente adequada aos programas de saúde familiar, na medida em que problematiza a família considerando-a para além de um aglomerado de pessoas com certo vínculo social, mas como o campo de possibilidades constitutivas do sujeito. O esclarecimento histórico do homem abrange a elucidação das determinantes patogênicas sobre as quais se deve intervir, considerando nessa empreitada o sujeito em seus aspectos psicofísicos e antropológicos. Trata-se de uma possibilidade de viabilizar uma inserção da psicologia na saúde pública em acordo com os princípios defendidos pelo SUS, o que é igualmente desejável ao atendimento das populações pelas UBS.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Considerando Silva & Menezes (2001) e Gil (1996), do ponto de vista de sua natureza o presente estudo é de pesquisa básica; tendo em vista como forma de abordagem se trata de uma pesquisa qualitativa; em se considerando os seus objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória; em se considerando os procedimentos técnicos, trata-se de um levantamento.

#### 3.2 PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO

Os participantes que forneceram os dados que possibilitaram esta pesquisa são cinco pais de crianças usuários da Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Bela Vista – Palhoça escolhidos aleatoriamente pelo pesquisador a partir do próprio ambiente da UBS. Para fins de pesquisa, a paternidade aqui se refere à relação por filiação natural do genitor ou por adoção. A conceituação de criança aqui adotada é aquela delimitada pelo Artigo 2º da lei 8.069 de 13 de janeiro de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos (...)”. Os usuários da UBS do bairro Bela Vista – Palhoça são pertencentes a variadas classes sociais, na maioria dos casos economicamente desfavorecidas.

#### 3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Os equipamentos e materiais que foram utilizados para a realização desta pesquisa são: gravador de áudio e computador.

### 3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE

As entrevistas foram realizadas em sala reservada na Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça.

### 3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um roteiro de entrevista semi-estruturada, com 14 perguntas (Apêndice A - Roteiro de Entrevista).

### 3.6 PROCEDIMENTO DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO

Considerando os critérios de inclusão (ser pai de criança até 12 anos incompletos e usuário da Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça), foram selecionados os cinco primeiros pais que se encontrarem disponíveis para entrevista a partir do ambiente do posto, sendo estas feitas individualmente pelo pesquisador a partir do ambiente da UBS do bairro Bela Vista – Palhoça.

### 3.7 PROCEDIMENTO DE CONTATO COM OS PARTICIPANTES

O pesquisador entrou em contato com os possíveis participantes presentes na UBS se apresentando como estudante de psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) realizando uma pesquisa que diz respeito à paternidade; questionou sobre os critérios de inclusão; em se adequando aos critérios de inclusão, solicitou sua disponibilidade para uma entrevista restrita e individual de aproximadamente uma hora a respeito de sua experiência de paternidade.

### 3.8 PROCEDIMENTO DE COLETA E REGISTRO DE DADOS

Após ter sido acordado com os pais as suas participações na pesquisa e estando estes disponíveis para a entrevista, os mesmos foram encaminhados individualmente para local reservado onde foi esclarecido que se trataria de perguntas referentes a eles como pai de um filho que é criança, podendo falar sobre mais de um filho caso tenha mais de um que seja criança. Foi explicado que criança é a pessoa até 11 anos de idade. Foi também esclarecido que se trata de dados sigilosos, em que não haverá identificação. Foi solicitado que as respostas sejam honestas, não havendo interesse para a pesquisa em julgá-lo como “bom” ou “mau” pai. Foi esclarecido que suas respostas ajudarão nessa pesquisa, que por sua vez poderá ajudar outros pais em situação semelhante a dele. Após esta exposição, foi questionado se ainda desejaria participar, se não haveria problema em iniciarmos a entrevista. Ao manifesto positivo foi lido o “Termo de consentimento livre e esclarecido” e o “Termo de consentimento para fotografias, vídeos e gravações”, sendo solicitado que fossem assinados. Os dados foram então coletados pelo pesquisador por meio da entrevista. O registro dos dados foi realizado pelo pesquisador através da transcrição da gravação em áudio.

### 3.9 PROCEDIMENTO DE ORGANIZAÇÃO, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram organizados por agrupamento de assuntos, e posteriormente a definição de categorias de análise foi feita pelo método de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977, p. 42):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Através dos conteúdos analisados, foi desenvolvida considerações que se utilizam do referencial teórico adotado para produzir uma síntese compreensiva das questões pertinentes a esta pesquisa face às comunicações coletadas.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Segue-se ao procedimento de coleta de dados a apresentação e a análise dos resultados, com vistas a organizar as comunicações em categorias de análise, para delas se produzir uma síntese compreensiva das temáticas expostas pelos sujeitos da pesquisa. Para tal, em um primeiro momento, os discursos foram divididos em categorias e subcategorias delimitadas, para em um segundo momento agregá-las em conjuntos de categorias que compõem um determinado aspecto explicitado pelos sujeitos entrevistados.

Isto realizado, buscou-se organizar uma compreensão desses discursos na medida em que se apresentam, utilizando-se para tal os conhecimentos dos autores que serviram de fundamento para esta pesquisa, num debate dialético entre a teoria e os dados coletados. Como resultado dessa discussão, foram apresentadas conclusões buscando responder aos objetivos desta pesquisa.

Um quadro de identificação dos sujeitos da pesquisa foi organizado para permitir a clara distinção entre estes, identificados como S1, S2, S3, S4 e S5. Este quadro dispõe os sujeitos em relação à idade, estado civil, número de filhos que são criança e idade dos filhos que são criança.

### 4.1 QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Sujeitos da pesquisa	Idade	Estado Civil	Nº de filhos que são criança	Idade dos filhos que são criança
S1	30	União estável	2	6 e 3
S2 (*)	31	União estável	2	6 e 5
S3	29	Solteiro	1	8
S4	31	Casado	2	6 e 3
S5	45	Casado	1	11

(\*) Convive com enteado de 10 anos, o que será considerado no discurso apresentado.

## 4.2 CUIDADOS E ATENÇÕES ÀS NECESSIDADES DE DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS

Certas categorias foram consideradas no conjunto como relativas a um aspecto mais amplo, que é a os cuidados e atenções às necessidades de desenvolvimento dos filhos, por se entender que se tratam do movimento da família em certos tipos específicos de cuidados e atenções aos filhos, estando nisto incluso o movimento do pai. Segue-se abaixo o debate sobre cada categoria e suas respectivas subcategorias.

### 4.2.1 Cuidados com a educação formal dos filhos

Nesta categoria se observa que há uma delegação da responsabilidade com os cuidados com a educação formal dos filhos a outros, em especial à mãe e à escola. Não se ignora a importância da educação formal no desenvolvimento das crianças, hoje obrigatório na lei brasileira. Para mais bem compreender como esse fenômeno se dá para os sujeitos da pesquisa, foram organizadas três subcategorias: Preocupação com a qualidade da educação, Educação extracurricular e Distanciamento dos cuidados com a educação formal dos filhos.

As subcategorias Preocupação com a qualidade da educação e Educação extracurricular demonstram meios como o pai busca o melhor desenvolvimento educacional para seus filhos, através de estratégias de educação complementar e envolvimento com a qualidade de ensino prestado pela escola. Ambas as estratégias foram expressadas por S3, cuja filha convive com a ex-esposa e sobre a qual recai a maior parte dos cuidados com a educação formal, como é possível perceber em seu discurso na subcategoria Distanciamento dos cuidados com a educação formal dos filhos:

A educação normal quem decide é a mãe de nossa filha, eu nem me meto nisso porque já tem toda a convivência das duas, então nem me meto.

Ainda que pareça contraditório que o mesmo pai que se preocupa com a qualidade da educação da filha e deseje que esta possua uma formação curricular complementar, isto demonstra certo modo de lidar com os cuidados com a educação formal da filha num contexto onde estes não convivem cotidianamente. Sendo a mãe aquela que está nesse contato diário,

confia nela a realização desta função. S3 procura se envolver parcialmente com essa questão nas maneiras que acredita ser possível, o que demonstra sua implicação com o desenvolvimento educacional da filha. É sua resposta ao obstáculo que percebe como se impondo no exercício da paternidade. Já os demais sujeitos justificam de diferentes maneiras seu afastamento dos cuidados com a educação formal dos filhos. S4 fala de cansaço do trabalho e incompatibilidade de horários, como pode ser visto a seguir:

Eu chego do trabalho cansado, e eles fazem os deveres antes de eu chegar em casa do trabalho, quando eu estou chegando eles estão acabando os deveres, então essa parte de colégio é ela [a mãe] quem fica encima.

De acordo com Lamb & outros (1985) o envolvimento paterno pode ser avaliado enquanto interação, ou seja, cuidados e atividades compartilhadas com o filho. Para que a interação seja possível, os autores trazem outro parâmetro de avaliação, que chamam de acessibilidade, no que se refere à disponibilidade física e psicológica para o filho. Na fala dos entrevistados aparecem certas dificuldades de acessibilidade e, portanto, interação. Dificuldades essas que os pais enfrentam da forma como podem ou acreditam ser mais apropriado, o que nos fornece alguns dos enfrentamentos que esta pesquisa objetiva alcançar. Tal situação corrobora o que Devreux (2006) afirma sobre a divisão desigual do trabalho entre pais e mães, sendo sobre elas quem recaem a maior parte dos cuidados com os filhos.

Sartre (1971) afirma que “a personalização não é mais do que, no indivíduo, a superação e a conservação (assunção e negação íntima) no seio de um projeto totalizador daquilo que o mundo fez - e continua a fazer - dele” (IBID.: 657). Na maior parte dos casos é no ambiente familiar, sem com isso negar outros ambientes em que a criança transita, que a personalização ocorre, espaço onde a família incide sobre os filhos certas ações e expectativas, ou seja, lhes colocam em certo projeto existencial. O modo como os pais lidam com a responsabilidade sobre os cuidados com a educação formal dos filhos irá repercutir em certas ações sobre esses filhos, que por sua vez vão se desenvolver a partir desta condição, como diz Sartre (1971) “daquilo que o mundo fez – e continua a fazer – dele” (IBID.: 657).

Sejam por questões sociais, culturais ou econômicas em dado contexto antropológico, como afirma Schneider (2006), visto que esta pesquisa incide sobre uma população desfavorecida financeiramente, ou de classe social, como afirma Lenin (1980), o que ocorre é uma geral indisponibilidade dos pais nos cuidados com a educação formal dos filhos, ainda que não se negue o quanto estes possam considerar fundamental tal formação na vida dos mesmos.

#### 4.2.2 Cuidados com a socialização dos filhos

Nesta categoria se nota que há certa cooperação entre os pais nos cuidados com educar os filhos a se relacionar com outras crianças. Os comportamentos dos filhos no contato com outras crianças são observados pelos pais, que contam com o auxílio dos professores nessa tarefa, no cuidado para que os filhos não sejam retraídos ou violentos na relação com outras crianças. Esta categoria foi organizada em quatro subcategorias: Intervenção diante de dificuldades de socialização, Expectativas paternas, Apoio da escola e Desenvolvimento de habilidades sociais.

As Expectativas paternas em questão é a que seus filhos sejam socialmente desenvolvidos, o que para S3 significa alcançar o modelo paterno:

Eu tenho uma relação boa com as pessoas, consigo me comunicar fácil com as pessoas, e gostaria que ela também tivesse isso.

A Intervenção diante de dificuldades de socialização ocorre como resposta à necessidade de agir em situações onde, como pontua S2, os filhos tenham dificuldade em se enturmar. O mesmo pai considera o papel da escola nessa responsabilidade, mas afirma que o os pais, pela proximidade cotidiana, são mais fundamentais nesse processo.

O Desenvolvimento de habilidades sociais é a forma como essa educação ocorre, expresso em regras e recomendações dos pais aos filhos:

Sempre que a gente vai na pracinha com meus filhos tem outras crianças ali também, e eu sempre criei meus filhos pra não machucar ninguém. Se meu filho pega um brinquedo e bate na cabeça de uma criança, eu vou ali e digo “não pode, machuca”. Eu digo “vai ali, faz amizade. (S4).

Na subcategoria Apoio da escola se nota o reconhecimento do papel dos educadores nos cuidados com a socialização dos filhos e da importância que o contato com outras crianças em ambiente escolar tem para esse processo. Ainda que os pais se percebam como os principais responsáveis nesse processo, conta-se com o auxílio da escola como espaço apropriado para tal, como pode ser visto a seguir:

A partir do momento que ele tá indo no colégio ali cada um tem um temperamento né, então com isso há controvérsias, um quer uma coisa, outro quer outra então os professores não deixam eles sem ajudar, não vai dizer “se matem aí, quem é o melhor vence”, ele ajuda nessa parte também. (S2).

Como Schneider (2002) esclarece, sem a mediação de outros uma pessoa não se personifica e não transcende a condição de “animal comum”. Aqueles que são mais próximos à criança a insere socialmente de determinado modo, transmitindo-lhe certa herança de valores culturais e sociais. Querem que ela aja de determinada maneira, construindo sobre ela certas expectativas. É o que é possível observar nos pais entrevistados, na prática se expressando no conjunto de cuidados que dão aos seus filhos no desenvolvimento de suas habilidades sociais. É importante salientar o papel dos professores nesse processo, sendo estes mediadores fundamentais no processo de socialização. Muito além da função de transmissores do conhecimento, o contato cotidiano dos educadores com as crianças os coloca em lugar privilegiado nessa responsabilidade. Também eles têm certas expectativas sobre seus alunos e os educam para que se comportem de determinada forma, mas não cabe a esta pesquisa discorrer sobre as implicações dessa ocorrência.

Como já exposto nesta análise, Sartre (1971) nos apresenta a personalização como a dialética entre superação e conservação das ações e expectativas dos outros sobre o sujeito. O que importa, para os objetivos da presente pesquisa, é que os pais entrevistados agem sobre seus filhos no sentido de cuidá-los em seu desenvolvimento social enquanto crianças e/ou permite que outros ajam por eles para tal. Estão cientes, a seu modo, da importância desses cuidados, não os desconsiderando por uma noção naturalista do desenvolvimento social, no qual os filhos aprenderiam tais habilidades por si só. Portanto, se consideram tais cuidados necessários diante das contingências que se apresentam, enfrentam essa responsabilidade da maneira mais adequada que julgam. Isto posto, o que ocorre nos sujeitos pesquisados é a busca pelo bem-estar geral de seus filhos, que aqui se manifesta nas expectativas dos pais e nas ações para cuidá-los ou deixá-los serem cuidados, enfrentamentos estes que se desdobram das circunstâncias em que convivem com seus filhos.

#### **4.2.3 Atendimento à saúde dos filhos**

Observa-se nesta categoria uma diversidade de atitudes em relação aos cuidados com a saúde dos filhos. Há situações onde ambos os pais se organizam de modo a responder, de diferentes maneiras, a essa responsabilidade. Em outros casos, esses cuidados recaem sobre a mãe. De qualquer forma, todos querem que seus filhos vivam na ausência de doenças e lidam com essa responsabilidade de alguma forma.

As subcategorias organizadas para esta categoria são: Resolução de emergências médicas, Resolução de problemas pontuais de saúde, Perspectiva de auxílio da saúde pública, Relação cooperativa, Impossibilidade de tempo disponível para os cuidados com a saúde dos filhos, Mãe responsável pelos cuidados cotidianos com a saúde, Distanciamento nos cuidados com a saúde dos filhos e Envolvimento emocional com o sofrimento.

As subcategorias Resolução de emergências médicas e Resolução de problemas pontuais de saúde tratam de atitudes dos pais em situações distintas de saúde dos filhos. Em ambos os casos os pais são vistos envolvidos com os cuidados de saúde, seja para socorrer o filho numa situação emergencial, aqui significando uma situação aguda de complicação de saúde que exige cuidados imediatos, seja numa circunstância pontual, como traz S3:

A única coisa que eu mesmo tive que correr atrás foram de umas alergias que ela tinha que não passavam, tipo umas micoses, não passava, já tinha levado no médico e não passava e daí tive que achar outro médico pra ver o que que era.

No caso de S3, que não convive com a filha, o envolvimento com essa responsabilidade se reduz a resolução de uma condição pontual que a mãe não conseguiu resolver. Esse mesmo pai aparece na subcategoria Distanciamento nos cuidados com a saúde dos filhos, refletindo sobre seu afastamento nos cuidados com a saúde da filha:

É meio estranho, pois como não convivo com ela eu só paro pra pensar nisso quando acontece alguma coisa.

Ou seja, por não estar em contato cotidiano com sua filha essa responsabilidade é percebida por S3 como circunstancial a situações mais severas. Na prática, enquanto sua filha estiver na ausência de doenças, essa questão não se impõe como uma preocupação deste pai.

A mãe assumindo essa função não é uma situação isolada. Na subcategoria Mãe responsável pelos cuidados cotidianos com a saúde se observa essa responsabilidade incidindo sobre a mãe, como se pode perceber no relato abaixo:

Nos cuidados do dia-a-dia, higiene, essas coisas, essa parte é mais com minha esposa. (...) Fazer eles escovar os dentes, limpeza, isso já é mais com minha esposa. (S5).

A subcategoria Impossibilidade de tempo disponível para os cuidados com a saúde dos filhos segue a mesma direção de evidências, onde os pais, por estarem envolvidos cotidianamente com atividades laborais, delegam os cuidados com a saúde dos seus filhos à

mãe. De maneira geral, os entrevistados justificam essa situação desproporcional entre os pais e mães no cuidados com a saúde dos seus filhos pela diferença de tempo disponível de ambos. Retornando as definições de Lamb & outros (1985) sobre envolvimento paterno, vê-se novamente uma falta de acessibilidade dos pais para com seus filhos, o que não necessariamente os aponta como pais ausentes ou irresponsáveis, mas como certos pais diante das possibilidades concretas de exercerem sua paternidade. Os arranjos e/ou esforços de uma relação cooperativa nos cuidados com a saúde dos filhos demonstram que os pais entrevistados buscam se envolver nesses cuidados da maneira que avaliam como possível. Alguns se ausentam por completo dos cuidados cotidianos com a saúde dos filhos, mas arranjam sua participação nesses cuidados assumindo a responsabilidade financeira, por exemplo, com os custos de um tratamento odontológico. Outros partilham desses cuidados no tempo disponível em contato com os filhos, num claro esforço de divisão dessa função parental.

Em contraponto ao pai impossibilitado de tempo para cuidar da saúde dos filhos, há certos acertos entre os casais no desempenho desses cuidados. Trata-se de formas de ação coordenada entre o casal, onde o pai se envolve ativamente com o atendimento à saúde dos filhos, ainda que a mãe permaneça como principal responsável. É o que aparece na subcategoria Relação cooperativa, como se pode ver no discurso abaixo:

Quem leva no médico sou eu. Quem fica de noite acordado cuidando sou eu. Quem procurava dar a medicação na hora que tinha que dar sou eu. Isso eu tenho de acordo com minha esposa, como ela fica o dia inteiro cuidando deles. (S5).

Devreux (2006) designa co-parentalidade a “parentalidade assumida conjuntamente”, ou seja, ambos os pais assumirem as responsabilidades que se desdobram da criação do filho. A autora observa que, na prática, prevalece a desigual divisão sexual desse trabalho, com as funções parentais sendo assumidas proporcionalmente mais pelas mães que pelos pais. O que se identifica nos pais entrevistados é a confirmação dos trabalhos da autora, porém com alguns arranjos e/ou esforços para tornar os cuidados com a saúde dos filhos menos desigual. Hennigen & Guareschi (2002) afirmam que ser pai é “uma construção contínua, plural e sempre em aberto, que se processa na tensão cultura/indivíduo” (IBID.: 45). Os mesmos autores, recorrendo a uma diversidade de pesquisas sobre a paternidade ao longo dos tempos, vão apontar que na década de 1960 os pais eram afastados dos cuidados cotidianos com os filhos, prevalecendo sua função como provedor e modelo de moralidade. O que se observa com os dados coletados é a confirmação desta construção contínua de

paternidade, já que se identifica o esforço dos pais entrevistados em encontrar certas formas de participar das responsabilidades com a saúde dos filhos de outras maneiras que não a financeira.

Entretanto, o posicionamento de S5, que se apresenta como envolvido cooperativamente nos cuidados com a saúde dos filhos, fica mais compreensível através de seu discurso exposto na subcategoria Envolvimento emocional com o sofrimento:

Isso é uma coisa minha, de eu sempre me preocupar com o outro, muitas vezes mais do que comigo mesmo. Se mesmo num local de trabalho eu vejo uma pessoa enferma, eu vou procurar fazer alguma coisa pra ajudá-la a sair daquela situação, melhorar né. Em casa não foi diferente. (...) Até porque eu não conseguia dormir, vendo um filho ou qualquer pessoa doente na casa da gente eu tenho muita dificuldade de me desligar de ver se a pessoa está passando necessidade, não consigo (S5).

Neste caso, o envolvimento com a saúde dos filhos passa por uma condição emocional do pai, que se vê impossibilitado de permanecer distanciado ao perceber o sofrimento alheio. Sartre (1965) expõe as emoções como uma forma de relação com o mundo, de apreendê-lo de determinada maneira. Tal pai se relaciona com o sofrimento dos filhos nas situações de ausência de saúde numa atitude emocionada, o que em certo modo esclarece seu envolvimento mais próximo com os cuidados com a saúde dos filhos, em comparação aos demais pais entrevistados. Não se nega as emoções que os demais pais possam ter para com o adoecimento de seus filhos, principalmente em situações de emergência, porém o que se destaca nos dados coletados é a condição emocional específica desse pai, que se afirma incapaz de se manter distanciado dos cuidados com a saúde dos filhos, em contraponto ao que se observou nos demais pais, de maneira geral mais tranquilos com deixar essa responsabilidade aos cuidados da mãe de seus filhos.

Na subcategoria Perspectiva de auxílio da saúde pública, S2 explicita sua percepção das possibilidades de atendimento no serviço público de saúde. Reconhece na saúde pública como um auxílio contra adversidades inesperadas de saúde face à suas limitações financeiras:

Tem problema de saúde que você já sabe que tem, e por isso já venho aqui no posto, então você já se programa mais ou menos pra isso, mas caso venha acontecer um fato novo, no caso um problema de saúde, a dificuldade é grande pela parte financeira né, que tu nunca tem uma reserva, como a gente ganha só o salário acaba sendo um problema grande que surge, e a gente tem que dar um jeito né. A gente tem os órgãos públicos, a saúde pública, que nos ajuda e graças a Deus deu tudo certo, né.

Nunes, Amador & Heineck (2008) esclarecem que as Unidades Básicas de Saúde (UBS) são as estruturas responsáveis pelas ações de atenção primária à saúde, com ênfase na atenção básica e a saúde familiar, servindo de porta de entrada para o SUS. No que se observa nos sujeitos entrevistados, há essa relação de necessidade de se utilizar dos serviços públicos para os cuidados com a saúde dos seus filhos. Em se considerando suas condições economicamente limitadas esses serviços aparecem como fundamentais para a resolução de problemas de saúde, de tal maneira que em nenhum momento surge alguma crítica ao SUS pelos pais. É importante levar em consideração que as entrevistas foram realizadas no ambiente da UBS, o que pode ter inibido tais críticas. De mesmo modo, por terem sido entrevistados apenas pais usuário daquela UBS, é possível que a incidência nesta pesquisa de pais que se utilizam dos serviços públicos para a resolução de problemas de saúde dos filhos seja maior do que na população em geral. De qualquer maneira, tais serviços públicos aparecem para os pais entrevistados como uma possibilidade de auxílio para lidar com as questões de saúde dos filhos.

Aqui, como nas demais categorias, o modo como os pais lidam com os cuidados com a saúde das crianças das quais são responsáveis irá repercutir em certas ações sobre essas crianças, que por sua vez vão se desenvolver a partir desta condição. A saúde dos filhos não é ignorada pelos pais, ainda que, de maneira geral, eles participem limitadamente desses cuidados. Estão cientes, a seu modo, da importância desses cuidados, portanto não os desconsideram e enfrentam essa responsabilidade da maneira mais adequada que julgam. Mais uma vez é importante considerar, para relativizar a compreensão dos resultados obtidos nesta pesquisa, as questões sociais, culturais, econômicas ou de classe em dado contexto antropológico. Em síntese, o que ocorre nos sujeitos pesquisados é a busca pelo bem-estar geral de seus filhos, que aqui se manifesta nas diferentes maneiras que atuam sobre os cuidados com a saúde dos seus filhos, enfrentamentos estes que se desdobram das possibilidades que percebem de atendimento às necessidades de saúde dos mesmos.

#### **4.2.4 Cuidados com os valores transmitidos aos filhos**

Toda família têm seus códigos, regras, valores e moral. As crianças que cresçam em certo ambiente familiar acabam por receber esse conjunto de noções sociais de conduta por meio direto, onde os familiares explicitam verbalmente essas noções, ou por meio

indireto, onde o exemplo dos pais no lidar cotidiano com as situações igualmente explicita o modelo a ser seguido. Nesta categoria foram organizados os dados que apontem para essa transmissão de valores por meio direto, ou seja, onde ativamente os pais agem para cuidar dos valores a serem transmitidos ao filhos na busca pelo seu bem-estar geral no desenvolvimento pessoal e no convívio em sociedade. Esta categoria foi dividida em duas subcategorias, a saber: Desenvolvimento do caráter/moral e Bons modos.

Todos os pais entrevistados apresentaram essa responsabilidade como algo em que se envolvem sem intermediários, ainda que por vezes outros possam auxiliar nesses cuidados. Na subcategoria Desenvolvimento do caráter/moral se observa cada pai entrevistado afirmando quais valores morais consideram mais fundamentais a serem transmitidos aos filhos, assumindo para si a maior parte nessa função, em contraponto à mãe quem, segundo eles, se encarrega de outras responsabilidades. De modo geral, afirmam ser esta uma função do pai, mas também há casos onde se considera o papel complementar da mãe e da escola nesses cuidados. Há pais que consideram a importância dos avós e do contato com “pessoas boas” para a transmissão desses valores aos filhos. Porém, há em pelo menos um caso a preocupação em se manter como a referência em termos de valores transmitidos ao filhos:

Tem os avós, que também sempre passam uma mensagem boa, mas o que eu acho certo é o que penso que vai ser melhor pra eles. (S4).

Os pais entrevistados consideram o desenvolvimento do caráter/moral como algo fundamental na atenção aos filhos, para protegê-los de seguirem caminhos que consideram equivocados e prejudiciais. Procuram ser rígidos e disciplinadores com os filhos, seguindo o modelo que receberam de seus pais e preocupados com as influências que consideram negativas do mundo atual. É observada, em pelo menos um dos casos, uma diferença de valores a serem transmitidos aos filhos de acordo com o gênero:

Essa é minha preocupação, drogas, álcool, sexo, sexo na parte masculina o filho pode conhecer com 14 anos, mas a filha só depois dos 20, né (risos). (S4).

De acordo com os dados levantados por Hennigen & Guareschi (2002), na década de 1960 prevalecia nos pais a percepção de sua função como provedor e modelo de moralidade. Identifica-se nos sujeitos da pesquisa a permanência da função de transmissão de valores morais como sendo de responsabilidade paterna, ainda que não exclusivamente, mas preferencialmente. Se os mesmos autores afirmam que a paternidade é uma construção

contínua, no aspecto de cuidados com os valores transmitidos aos filhos ela permanece análoga ao exercício paterno de gerações anteriores.

Na subcategoria Bons modos se encontram os pais entrevistados na busca de educar os filhos em certas regras de conduta em sociedade. Não são necessariamente (ainda que possam ser) questões de valores que consideram determinantes para que tenham condição de fazer escolhas adequadas na vida, mas percebem como importantes para que os filhos não causem estranhamento nos ambientes em que transitam, como pode ser visto no relato abaixo:

Eu tento dar aquela educação, assim tipo, respeitar os pais, respeitar os mais velhos, pra não criar aquele filho folgado, aquela criança mimada, que até ela no dia-a-dia ela [a mãe] deixa às vezes. Meus filhos não ficaram assim esse tipo de criança mimada, porque não deixo eles fazerem o que quiserem, na medida do possível quando chego em casa eu tento passar a educação que eu quero. Às vezes me acha um pouco severo, mas ensino eles a ser portar em mesa, se for em algum lugar pra comer, na casa de alguém não entrar quebrando tudo. (S4).

Recorrendo novamente às considerações de Schneider (2002), aqueles que são mais próximos às crianças as inserem socialmente de determinado modo, transmitindo-lhes certa herança de valores culturais e sociais e instruindo-as para que ajam de determinada maneira. A família é um espaço privilegiado de mediação das crianças com a sociedade, assim como também o é a escola. É o que se observa concretamente no discurso dos sujeitos entrevistados, diretamente envolvidos na transmissão de valores morais e de conduta. Aqui, como nas demais categorias, o modo como os pais lidam com os cuidados com a transmissão de valores às crianças das quais são responsáveis irá repercutir em certas ações sobre essas crianças, que se desenvolverão a partir desta condição.

O desenvolvimento do caráter/moral e da aprendizagem das regras de conduta em sociedade dos filhos é assumido como responsabilidade dos pais pesquisados. Consideram esse exercício dificultado pela diversidade de influências que percebem como negativas aos filhos, agindo muitas vezes como pais rígidos e disciplinadores, de forma semelhante à educação que receberam da geração anterior. Observa-se que na busca pelo bem-estar geral de seus filhos, que aqui se manifesta pela assunção dos cuidados com a transmissão dos valores sociais aos filhos, há enfrentamentos que se desdobram das possibilidades que percebem de transmissão dos valores de caráter e de conduta aos filhos.

#### 4.2.5 Atendimento das condições materiais

A condição financeira de uma família será determinante nas possibilidades objetivas de suprir necessidades das crianças nela inserida. Isto posto, há diferenças entre as famílias no atendimento das condições materiais de seus filhos, diferença esta que desdobrará em possibilidades distintas de desenvolvimento dos mesmos, o que pode ser identificado nesta categoria, organizada nas seguintes subcategorias: Renda incerta, Renda limitada, Acerto de responsabilidade financeira entre os pais, Superação da condição financeira anterior e Avaliação das prioridades financeiras.

Em quase todos os casos identificados nesta pesquisa, o principal (senão o único) responsável pelo atendimento das condições materiais da família, nisto incluso os filhos, é o pai. As subcategorias Renda incerta e Renda limitada apresentam certas circunstâncias que alguns dos pais entrevistados experienciam nessa responsabilidade.

Em Renda incerta aparece a situação do pai que trabalha informalmente, sem qualquer garantia de renda mensal. Esse pai explicita suas preocupações com sua situação, já que em certos meses se vê impossibilitado de atender as condições materiais da família, nisso incluso os filhos. Fica implícito em seu discurso sua dificuldade em fazer investimentos para sua família que dependam do pagamento mensal de um valor pré-fixado, já que não há garantia de remuneração de seu trabalho.

Na subcategoria Renda limitada se encontram pais que desejam investir nas condições materiais da família e dos filhos, porém percebem que estão impossibilitados pelas limitações financeiras de sua situação atual. Não se tratam de famílias na absoluta escassez financeira, mas de famílias cuja renda obtida pelo trabalho do pai, é insuficiente para além do que consideram indispensável. É o que se vê no discurso de S2:

Isso a gente faz quase por milagre né, porque a gente dá a sobrevivência, mas falta bastante. Se tivesse condições mesmo dava pra ajudar melhor né, desde no estudo até o conforto em casa, mas dá pra levar, dá pra levar, mas se tivesse condições mesmo poderia ser melhor. Até a princípio, assim, no caso de poder pagar um colégio particular, uma coisa assim, isso falta.

Na subcategoria Avaliação das prioridades financeiras se observa uma situação semelhante de renda limitada, desta vez com o pai decidindo sobre o que é prioritário nos gastos da família diante das solicitações dos filhos. É o que é possível identificar no discurso de S4:

Daí começa a despertar nos filhos o interesse em ter certas coisas, que nem minha filha “ah quero um computador, minha prima tem um”, com 6, 7 anos já estava com essa idéia, daí eu disse assim “computador não dá pra dar, financeiramente nós não podemos, tem outras prioridades na frente”.

Em contraponto, a subcategoria Superação da condição financeira anterior revela certa família onde o trabalho do pai permitiu alcançar uma condição que, ainda que não ilimitada, é considerada como uma superação da condição anterior, possibilitando acesso a certos bens e serviços que no passado recente eram inviáveis. Para tal, o pai entrevistado afirma ter dois trabalhos paralelos, um formal e outro informal, e com a renda de ambos mantém o padrão de vida alcançado.

Na subcategoria Acerto de responsabilidade financeira entre os pais se observa duas situações distintas. De acordo com os relatos coletados, em pelo menos uma das famílias representadas pelos sujeitos entrevistados a responsabilidade sobre os cuidados com a administração das finanças da família incide sobre o pai. Como já dito, em quase todos os casos identificados nesta pesquisa é o pai o principal responsável financeiro pelo atendimento das condições materiais da família, nisto incluso os filhos. Ocorre, porém, o inverso em um dos sujeitos pesquisados, onde o principal responsável é a mãe. Trata-se da situação de S3, que mesmo antes da separação conjugal com a mãe de sua filha já não era o principal responsável pelo atendimento das condições materiais dos filhos, como demonstra no discurso abaixo:

Quando nossa filha nasceu ajudei como podia, eu e a mãe da nossa filha ficamos juntos, mas a família dela é quem tinha melhores condições financeiras, então não me cobrava tanto essa parte, queria mais mesmo que eu fosse um pai mais presente, estivesse mais com nossa filha.

Ainda após a separação conjugal, a situação não se alterou, conforme é possível identificar no discurso de S3:

Depois da separação combinamos que eu depositasse pra ela um dinheiro todo mês, mas com certeza ela e a família dela pagam muito mais coisas que eu. (...) A minha parte em termos financeiros, em questão de comida, essas coisas, ele é mínimo, porque eu deposito aquele dinheiro que combinamos e é a mãe da nossa filha quem paga o resto, entendeu.

Utilizando-se novamente da conceituação de Lamb & outros (1985) para avaliar o envolvimento paterno, relativo nesta categoria ao atendimento das condições materiais, os autores apontam a responsabilidade como um dos fatores a serem considerados, sendo esta

responsabilidade compreendida como a condição do pai em garantir os recursos e cuidados práticos necessários para o filho. Esta condição do pai se dá diante de certo contexto antropológico, como esclarece Schneider (2006) e certa classe social, como aponta Lenin (1980).

Não se ignorando essas circunstâncias, o que se observa nas entrevistas coletadas é uma maioria de pais que são responsáveis, no sentido empregado por Lamb & outros (1985), pelo atendimento das condições materiais dos filhos, de forma análoga aos de gerações anteriores, conforme é relatado por Hennigen & Guareschi (2002) e também Silva & Piccinini (2007), que afirmam que até os dias recentes é predominante o modelo de pai como provedor financeiro. Independente das diferenças de condição financeira entre as famílias representadas nesta pesquisa, o pai assume essa responsabilidade como parte da própria paternidade, uma vez que percebe essa função como fundamental para a sobrevivência da família, nisto incluso os filhos. Se na maior parte dos casos a mãe fica em casa para sobre ela incidir grande parte dos cuidados cotidianos relativos aos filhos, os pais entrevistados consideram como sua responsabilidade garantir os recursos necessários para lar através do trabalho remunerado. Esta divisão sexual do trabalho é referida por Devreux (2006) como uma situação que, mesmo com a assunção profissional da mulher fora do ambiente do lar, permanece como insuperada.

Em contrapartida, Perucchi & Beirão (2007) apontam uma mudança na hegemonia masculina nas famílias brasileiras, com uma estimativa de cerca de 25% das famílias no Brasil sendo chefiadas por mulheres, ou seja, como principais responsáveis em termos financeiros e decisórios. Os mesmos autores colocam como considerável o crescimento no número de famílias com novas configurações que divergem das tradicionais famílias nucleares, pautados no modelo patriarcal. O que se identifica na situação do pai S3 nesta pesquisa vai ao encontro das afirmações desses autores, sendo neste caso a mãe a principal responsável pelo atendimento das condições materiais dos filhos, numa clara divergência do modelo patriarcal historicamente constituído.

O atendimento das condições materiais é assumido como responsabilidade dos pais pesquisados, que sabem da importância dessa função no desenvolvimento dos filhos, de tal maneira que muitos lamentam não poderem oferecer melhores condições aos mesmos. Com os salários muitas vezes insuficientes para dar as condições de vida desejada aos seus filhos e com o índice de desemprego alto o suficiente para que aceitem a remuneração que lhes é oferecida, eles enfrentam essa responsabilidade como parte do exercício da paternidade. Esse enfrentamento se dá dentro do contexto antropológico em que vivem, sendo no caso desta pesquisa o contexto de brasileiros pertencentes à determinada classe social e econômica,

ainda que não de maneira homogênea. Na busca pelo bem-estar geral de seus filhos, que aqui se manifesta pela assunção do atendimento das condições materiais através do trabalho remunerado, há enfrentamentos que se desdobram das possibilidades que percebem de garantir as condições materiais necessárias aos filhos.

### 4.3 RELAÇÕES INTERVENIENTES NA CRIAÇÃO DOS FILHOS

As relações intervenientes na criação dos filhos tratam do movimento da família como um todo, em seu contexto atual e em consequência das ações de gerações anteriores, em certos tipos específicos de relações que incidem sobre o desenvolvimento dos filhos, da maneira como isso é percebido pelo pai. Segue-se abaixo o debate sobre cada categoria e suas respectivas subcategorias.

#### 4.3.1 A figura da mãe em relação ao pai

Nesta categoria foram organizadas as seguintes subcategorias: Interferência da mãe face aos filhos de casamento anterior, Desautorização da mãe ao posicionamento do pai, Relação cooperativa, Fragilidade do posicionamento da mãe, Discordância da mãe na criação do enteado, Interferência da mãe nas decisões, Relação distanciada da mãe, Relação de diálogo e Reconhecimento do benefício de posicionamentos divergentes entre os pais.

Nas subcategorias Desautorização da mãe ao posicionamento do pai e Interferência da mãe nas decisões se identifica a mãe em contraponto ao movimento do pai na criação dos filhos, por vezes tomando decisões contrárias àquelas tomadas pelo pai, por vezes mesmo desconsiderando a validade de suas decisões. Nessas situações não há concordância entre os pais sobre o que é melhor para seus filhos, e a mãe é percebido pelo pai como se impondo em seus posicionamentos.

Como já exposto nesta análise, Perucchi & Beirão (2007) falam do advento das famílias chefiadas por mulheres. Até recentemente na história ocidental as decisões da família eram tomadas unicamente pelos homens, inclusive em se tratando do que era considerado fundamental na criação dos filhos. Hoje já é possível perceber a participação das mães nesse

processo, e por vezes até mesmo a prevalência das decisões maternas sobre as paternas. O que se observa nas subcategorias Desautorização da mãe ao posicionamento do pai e Interferência da mãe nas decisões é reflexo dessas mudanças no interior das famílias e servem de exemplos que confirmam tais transformações na sociedade.

Por outro lado, as subcategorias Relação cooperativa e Relação de diálogo demonstram a situação inversa, onde os pais assumem conjuntamente as decisões sobre a criação dos filhos e se articulam para que suas ações sejam complementares. O diálogo surge como estratégia para se alcançar o entendimento diante de questões controversas, como pode ser visto no seguinte discurso da subcategoria Relação de diálogo:

Mas já prefiro de eu não me meter quando ela diz sim ou não e ela não se meter quando eu digo sim ou não. Às vezes estou até errado, daí depois ela me chama, ou eu chamo ela, e digo “olha, acho que ali podia fazer isso”, mas não na frente deles, pra não deixar eles com folga assim, daí fala com o pai e o pai diz que não, daí fala com a mãe e ela diz que sim, aí acaba prejudicando. (S4)

De acordo com Prado, Piovanotti & Vieira (2007) a interação parental e os papéis que cada um dos pais assume modelam e estimulam o cuidado na criação dos filhos, com ambos os genitores contribuindo diretamente para o desenvolvimento infantil. Como visto, situações onde há discordância vão repercutir diretamente no modo como esses filhos são criados. As situações de cooperação, diálogo e de acerto entre as discordâncias também vão repercutir sobre a criação dos filhos, mas com outra qualidade, pois não se encerram em conflito parental.

Como já exposto anteriormente nesta análise, Devreux (2006) designa co-parentalidade a “parentalidade assumida conjuntamente” (IBID.: 619), ou seja, ambos os pais assumirem as responsabilidades que se desdobram da criação do filho. Em certos relatos é possível perceber esse movimento em direção à co-parentalidade, na busca pelo entendimento entre os pais para que as decisões e posicionamentos a serem tomados em relação aos filhos convirjam para um benefício comum, ainda que existam as diferenças entre as formas de criar os filhos.

Nas subcategorias Interferência da mãe face aos filhos de casamento anterior e Discordância da mãe na criação do enteado se observa os conflitos que os filhos de relacionamentos anteriores podem gerar nos atuais relacionamentos. Em ambas as subcategorias o ponto de conflito é a relação do pai com os filhos de outro relacionamento, com a diferença de que em Interferência da mãe face aos filhos de casamento anterior se trata de filhos do pai entrevistado, e em Discordância da mãe na criação do enteado se trata de

filhos da atual mulher do pai entrevistado. Em todas as situações, a mãe aparece em discordância com o movimento do pai na relação com esses filhos, como o discurso a seguir da subcategoria Discordância da mãe na criação do enteado demonstra:

Às vezes contradiz alguma coisa né, principalmente com o enteado. Pelo fato dele não ser meu filho às vezes, depende do jeito que eu falo, ela [a mãe] acha que eu talvez eu esteja exigindo mais do que não é meu filho do que meus próprios né. (S2).

Lobo (2005) estudou a situação que se configura nas famílias recompostas, famílias cujo “casal, casado ou não, vive no mínimo com uma criança nascida de uma união precedente de pelo menos um dos cônjuges” (IBID.: 92). A autora demonstra que muitas vezes a situação de recasamento é conflituosa para as crianças, ainda que não seja necessariamente complicadora. Também aponta a possibilidade de tensão entre o pai biológico e a ex-mulher. Nesta categoria não encontramos um conflito expresso com a ex-mulher, mas certo tipo de arranjo em que a distância pode vir a ser a estratégia adotada para evitar o conflito. O que se vê nos relatos coletados nas subcategorias Interferência da mãe face aos filhos de casamento anterior e Discordância da mãe na criação do enteado vão em direção às colocações da autora, mas ao invés de haver tensão entre o pai e a ex-mulher o que aparece são situações de conflito com a atual companheira. São tensões que decorrem da relação do pai com os filhos de outros relacionamentos, sejam eles filhos do pai entrevistado ou de sua companheira. Dessa forma, as novas configurações familiares, hoje em dia muito frequentes, aparecem aqui como sendo determinantes na condição dos pais se articularem para criarem seus filhos.

Apesar das divergências que possivelmente ocorrem num relacionamento em relação à criação dos filhos do casal, se identifica na subcategoria Reconhecimento do benefício de posicionamentos divergentes entre os pais a valorização dessas diferenças como algo positivo para o desenvolvimento dos filhos, como é possível ver no discurso de S5:

Na prática é um pouco complicado, determinadas posturas um diverge do outro. A minha esposa sempre via a parte do momento, eu já via a parte lá na frente, se não cuidar hoje lá na frente vamos ter uma arvorezinha torta, vamos dizer assim. Eu ganhei muita coisa com isso, mas ela também ganhou muita coisa com o da hora, do momento, de não bater na hora, de não brigar na hora, de não puxar a orelha na hora, ela ganhou muita coisa com isso. Mas eu também ganhei muita coisa na minha postura que lá na frente aquilo que tentei fazer foi o melhor.

Na subcategoria Relação distanciada da mãe se vê a situação onde o pai não mais convive em relacionamento conjugal com mãe de seu filho e mantém um contato mínimo com

ela, neste caso até mesmo por questões geográficas, por estarem residindo em cidades distantes.

Em Fragilidade do posicionamento da mãe se identifica o pai percebendo a mãe como incapaz de manter suas decisões perante os filhos, voltando atrás depois de um tempo e concedendo às crianças suas vontades, o que é justificado pelo pai como sendo porque a mãe “tem coração mais mole” (S2). Essa situação faz com que o pai se perceba na exigência de tomar as posições no lugar da mãe, para que se mantenha a criação que acredita ser mais apropriada.

Sartre (1965) afirma que “a emoção é sofrida” (IBID.: 67), ou seja, ela ocorre com o sujeito, independente do seu querer. Nesta categoria se observa a mãe que se encontra incapaz de permanecer em suas decisões diante dos filhos. Este impedimento, justificado pelo pai como sendo próprio daquela mãe, que tem “o coração mais mole” (S2), aponta para uma condição emocional desta mãe diante dos filhos. Frente a essa situação, o pai assume o lugar daquele que se posiciona perante os filhos em detrimento da mãe, que é percebida como pouco perseverante naquilo que acredita ser o melhor para eles.

O conjunto dos relatos demonstra que a mãe é promotora de interferências no movimento do pai para criar seus filhos. Para por em prática aquilo que acredita ser melhor para seus filhos, o pai enfrenta a mãe, por vezes em concordância, outras em discordância, mas nunca sem que ela seja considerada. Isto aponta para uma diferença em relação a gerações anteriores, onde por vezes o posicionamento da mãe era desvalidado em relação ao do pai. As novas configurações familiares e as conquistas feministas, tanto sociais como legais, colocam a mãe em situação de igualdade em relação aos pais, senão de superioridade, no que diz respeito às decisões de criação dos filhos. Em contrapartida, isso também leva a certos enfrentamentos que o pai vivencia no exercício de sua paternidade. A interveniência da mãe pode ser provocadora de conflitos ou de entendimentos, de qualquer modo influenciando diretamente na criação dos filhos e no movimento do pai para com eles. Essas situações exigem do pai um posicionamento, que aqui deve ser compreendido a partir de seu contexto antropológico e de sua classe social, conforme já anteriormente expresso em outras categorias. Identifica-se, portanto, uma diversidade de situações aonde a figura da mãe, em suas ações e posicionamentos, conduzem a enfrentamentos em busca do bem-estar geral de seus filhos.

### 4.3.2 A presença de familiares em relação ao pai

Esta categoria foi organizada em uma única subcategoria: Interferência negativa de familiares. O que se observa nesta subcategoria é uma diversidade de situações onde o pai percebe os familiares influenciando de maneira prejudicial a criação dos filhos, o que por vezes o provoca para agir na direção de impedir tais influências, como vemos do discurso a seguir:

Às vezes pode ter uma tia que diga uma coisa diferente do que eu digo, daí eu digo pra ela “vai cuidar dos teus filhos, fala isso pra eles, que pros meus eu sei o que é melhor”. (S4).

Também ocorre o inverso, onde a interferência dos familiares, ainda que indesejada, não é contestada pelo pai:

Às vezes ela passa o fim de semana na casa da vó dela, e sabe como é vó, né. Eu e minha esposa levamos 2 meses pra tirar a mamadeira dela, tava prontinha, dormia e só acordava no outro dia de manhã, tudo certinho. Foi pra casa da vó, aí já era. Na segunda-feira já tomou 2 mamadeiras de madrugada. A gente precisa relevar né, nem tudo é perfeito. (S1).

Como já exposto nessa análise, Schneider (2002) apresenta a família como um dos espaços onde ocorrem mediações que irão inserir as crianças nos valores estabelecidos da sociedade. Há diferenças nos modos como enfrentam essa situação, mas em todos os casos não ignoram as implicações dos atos dos familiares sobre seus filhos. Trata-se, portanto, de enfrentamentos que se desdobram das ações dos familiares sobre seus filhos, por vezes levando ao conflito, por vezes escolhendo relevar para evitar o conflito. Essas situações exigem do pai um posicionamento, que aqui deve ser compreendido a partir de seu contexto antropológico e de sua classe social, conforme já anteriormente expresso em outras categorias. Identifica-se, portanto, certas situações aonde a presença dos familiares, em suas ações e posicionamentos, conduzem a enfrentamentos em busca do bem-estar geral de seus filhos.

### 4.3.3 As relações de outras gerações na criação dos filhos

Nesta categoria foram organizadas as seguintes subcategorias: Crítica ao exemplo das gerações anteriores e Reconhecimento positivo do exemplo das gerações anteriores.

Em Crítica ao exemplo das gerações anteriores é possível perceber a implicação da criação que os pais receberam das gerações anteriores no modo como hoje eles exercem sua paternidade. É o que vemos no relato a seguir:

Rolar no chão, brincar, se jogar na grama, hoje eu vejo que é uma coisa fantástica, se eu pudesse eu teria feito muito mais com meus filhos. Isso faz falta, a criança se jogar nos ombros, no colo, no sofá, a gente não permitia isso aí. Pela própria educação que a gente teve isso não podia. (S5).

A percepção dos pais sobre a criação que receberam de gerações anteriores é trazida em forma de crítica, já que aparece nos relatos o pai repetindo as mesmas ações sem julgar isso adequado. Em contraponto, na subcategoria Reconhecimento positivo do exemplo das gerações anteriores aparece a percepção dos pais sobre a implicação benéfica do modo como foram criados, tanto para suas vidas como para a maneira como exercem sua paternidade, como pode ser visto no exemplo a seguir:

Eu cresci muito no meu emprego por ser alguém educado. Conquistei muita coisa com a educação que recebi dos meus pais. (...) Então a educação que a gente tenta passar é a educação que a gente viveu, que eu aprendi. (S5).

Como já apresentado nesta análise, para Schneider (2002) aqueles que são mais próximos às crianças as inserem socialmente de determinado modo, transmitindo-lhes certa herança de valores culturais e sociais e instruindo-as para que ajam de determinada maneira. Os relatos apontam para a sucessiva transmissão de certas atitudes por gerações, o que por vezes implica em certa dificuldade em superá-las, ainda que os pais as considerem negativas. Por outro lado, o que é percebido como positivo pelos pais na criação que receberam de outras gerações é reconhecido e reforçado dentro do ambiente familiar. Em todos os casos os pais não ignoram as implicações da criação recebida sobre seu próprio movimento para com os filhos. Trata-se, portanto, de enfrentamentos que se desdobram da repercussão das ações das gerações anteriores sobre seu próprio exercício da paternidade. Essas situações exigem do pai um posicionamento crítico ou de reconhecimento, que aqui deve ser compreendido a partir de seu contexto antropológico e de sua classe social, conforme já anteriormente expresso em

outras categorias. Aqui, como nas demais categorias, os desdobramentos das atitudes de outras gerações sobre os pais, assim como o modo que os pais se posicionam diante delas, irá repercutir em certas ações sobre essas crianças, que por sua vez vão se desenvolver a partir desta condição, “daquilo que o mundo fez – e continua a fazer – dele” (Sartre, 1971, p. 657). Identifica-se, portanto, certas situações aonde a repercussão da criação recebida pelos pais através das gerações anteriores conduzem a enfrentamentos em busca do bem-estar geral de seus filhos.

#### 4.4 ESTRATÉGIAS DA FAMÍLIA

Nestas categorias se encontram as estratégias da família, tipos específicos de ações e planejamentos que incidem sobre o desenvolvimento dos filhos, da maneira como isso é percebido pelo pai. Segue-se abaixo o debate sobre cada categoria e suas respectivas subcategorias.

##### 4.4.1 Estratégias de apoio

Nesta categoria foram organizadas as seguintes subcategorias: Apoio familiar, Apoio institucional e Apoio psicológico.

Em todas as subcategorias o que se observa são os meios pelos quais os pais buscam auxílio na criação dos filhos. Divergem entre si pela estratégia adotada, mas não em sua finalidade, qual seja, obter certo apoio que lhe beneficie na criação dos filhos. Em Apoio familiar o pai percebe como possível recorrer a certos familiares para auxiliar na educação dos filhos, como pode ser visto no relato abaixo:

Também os avós (...) devem dar um auxílio, dar uma base pra poder também educar melhor os filhos deles né, porque eles não têm base. (S1).

Já em Apoio institucional o pai considera os serviços públicos como uma possibilidade de obter certos benefícios que lhe auxiliem na criação dos filhos, por exemplo, através da ajuda do serviço social. Em Apoio psicológico o pai também recorre às instituições

do Estado, mas nesse caso para que ele próprio receba o benefício do apoio através da assistência de psicólogos e psiquiatras e assim alcançar melhores condições emocionais de se relacionar com seus filhos.

Aqui, como nas demais categorias, as estratégias de apoio as quais os pais recorrem ou deixam de recorrer irá repercutir em certas ações sobre essas crianças, que por sua vez vão se desenvolver a partir desta condição, “daquilo que o mundo fez – e continua a fazer – dele” (Sartre, 1971, p. 657). Como já exposto, Schneider (2002) apresenta a família como espaço privilegiado para o desenvolvimento das crianças. Os dados coletados confirmam as famílias enquanto sistema que se organiza como uma rede na qual os pais encontram certas possibilidades de apoio.

Benevides (2005) coloca que os princípios de universalidade, equidade e integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS), que responde pelo serviço público de saúde brasileiro, somente se efetivam quando transformados em ação política, ou em outras palavras, “ação sobre os processos de constituição da cidade e dos sujeitos” (IBID.: 24). Da forma como hoje o SUS é estruturado, alguns dessas ações permitem que a população tenha acesso a certos serviços fundamentais. Dentre estes serviços, alguns são percebidos pelos pais como possibilidade de apoio para a criação dos filhos. Nos relatos coletados por esta pesquisa, observa-se que o SUS é percebido em sua dimensão integral, na medida em que é compreendido não apenas como recurso disponível para lidar com questões de saúde biológica, como já visto em outras categorias, mas também como apoio para aspectos sociais e psicológicos.

Em todos os casos os pais entrevistados reconhecem certas possibilidades de apoio que podem recorrer quando julgarem necessário. Não ignoram, portanto, as implicações de tais estratégias em seu próprio movimento para com os filhos. Trata-se, portanto, de enfrentar certas situações que percebem como necessitando de apoio, de tal forma que articulam estratégias para superá-las, como parte do próprio exercício da paternidade, o que aponta para certos enfrentamentos na busca do bem-estar geral de seus filhos.

#### 4.4.2 Estratégias paternas

Esta categoria foi organizada em uma única subcategoria: Psicológica. Trata-se da situação de S1, que afirma se utilizar de conhecimentos da psicologia para auxiliá-lo no modo como exerce sua paternidade, conforme é possível ver no relato a seguir:

Claro que às vezes toda criança tem um momento que é um pouquinho chata, ela não é divertida assim 24 horas por dia, ela tem alguns momentos em que ela é um pouquinho chata, ela quer se impor às vezes com a gente, então eu sou muito de usar psicologia com criança, pra mim tudo pode ser contornado.

Gomes & Resende (2007) afirmam que a figura paterna aparece nas mais variadas formas, cada qual construindo, a seu modo, o pai institucional, o pai provedor, o pai protetor, o pai herói, forte e viril, o pai frágil, o pai omissivo, entre outros. O que é possível identificar no relato de S1 é este pai assumindo o papel de pai psicólogo, no sentido daquele que se utiliza dos conhecimentos que julga da psicologia como estratégia para lidar com as dificuldades que desdobram da criação dos filhos. O importante, para os objetivos desta pesquisa, é reconhecer estas situações de intransigência dos filhos como certo tipo de circunstância que o pai lida para exercer sua paternidade a ponto de considerar necessário se utilizar de estratégias psicológicas para enfrentá-la, o que aponta para certo tipo de enfrentamento que este pai vivencia na busca do bem-estar geral de seus filhos.

#### 4.4.3 Perspectivação do projeto de vida dos pais

Nesta categoria foram organizadas as seguintes subcategorias: Profissionalização, Aquisição de residência e Planejamento para suprir despesas futuras.

Em Profissionalização se encontra o pai S1, que trabalha no mercado informal e percebe como necessário migrar para uma profissão que possa conceder melhores garantias de renda, o que considera benéfico para sua família. Para tal, perspectiva realizar um curso técnico, o que entende como estratégico para a profissionalização.

Na subcategoria Aquisição de residência o pai entrevistado perspectiva poder um dia adquirir uma casa que possa dar maior conforto para a família. Pensa também, para um futuro menos próximo, na possibilidade de construir outra casa para presentear a filha quando

esta se casar. Trata-se de uma estratégia que este pai compreende como importante para a melhoria no padrão de vida familiar.

Em Planejamento para suprir despesas futuras, identifica-se a estratégia adotada por S4 para lidar com o aumento das despesas familiares em um futuro próximo, por exemplo, com o nascimento de outro filho. S4 opta por não aguardar as despesas aumentarem para então buscar os recursos necessários; antes disso, empenha-se em algum projeto que possa garantir alguma renda adicional no futuro. É o que é possível observar em seu relato a seguir:

Acho que sou um cara tranquilo porque tenho projetos, se tu como homem batalha pra ter aquele projeto realizado, está batalhando hoje pra garantir amanhã. O filho que vai nascer não vai apertar as contas agora, porque enquanto é pequeno ele mama, toma um leitinho ou outro, fica mais em casa. Dos 3 anos em diante ele vai começar a te dar uma despesa maior um pouco, roupa, coisa e tal. Mas aí eu vou estar com meus projetos realizados pra poder ter uma renda pra poder suprir esse outro filho que nasceu.

Afirma Sartre (1989) que o homem “não é algo que *primeiramente* seria, para pôr-se *depois* em relação com tal ou qual fim, senão ao contrário, um ser que é originalmente projeto, quer dizer, que se define por seu fim” (IBID.: 479). Assim, pode-se afirmar que os projetos que os pais articulam para suas vidas em família são constitutivos de seu próprio ser, ou seja, o definem como certo pai e companheiro. O pai que busca se profissionalizar, ou que deseja alcançar maior conforto para a família, ou que projeta novas fontes de renda, está em certo movimento que o faz ser este homem e não outro. Em todos os casos, se observa os pais perspectivando certas estratégias para a realização das finalidades que consideram benéficas para sua família, nisto incluso os filhos.

Retornando à conceituação de Lamb & outros (1985), a responsabilidade paterna é compreendida como a condição do pai em garantir os recursos e cuidados práticos necessários para o filho. Nas três subcategorias é possível perceber que os projetos dos pais vão ao encontro da assunção dessa responsabilidade, na medida em que objetivam garantir os recursos necessários para a família, nisto incluso os filhos. Ainda que possivelmente não possuam na atualidade as condições suficientes para garantir os recursos necessários aos filhos, pode-se afirmar que estes pais são responsáveis pelos mesmos, no sentido empregado pelos autores. O movimento de assunção da responsabilidade paterna, aqui objetivado pelas perspetivações dos projetos de vida dos pais, é compreendido nesta pesquisa como parte da condição do pai em garantir os recursos e cuidados práticos aos filhos. Identifica-se, portanto, certos projetos de vida que os pais percebem como fundamentais para o benefício de suas

famílias e das estratégias adotadas para realizá-los, o que aponta para certos enfrentamentos na busca do bem-estar geral de seus filhos.

#### 4.5 RELAÇÃO PAI-FILHOS

A relação pai-filhos se refere a como o pai exerce sua paternidade face às contingências que vivencia, da maneira como isso é percebido por este. Segue-se abaixo o debate sobre cada categoria e suas respectivas subcategorias.

##### 4.5.1 Qualidade do contato com os filhos

Nesta categoria foram organizadas as seguintes subcategorias: Contato insatisfatório, Compensação de disponibilidade por presentes, Contato restrito aos finais de semana, Contato cotidiano, Contato eventual, Dificuldade por escassez de tempo, Dificuldade por cansaço físico, Dificuldade por condição emocional dos pais, Dificuldade por escassez financeira, Dificuldade por questões de gênero, Dificuldade por estar envolvido em atividades familiares, Dificuldade por falta de espaço público apropriado, Tentativa de aproximação com o filho e Dificuldade por falta de diálogo.

As subcategorias Contato insatisfatório, Contato restrito aos finais de semana, Contato cotidiano e Contato eventual apresentam diferentes tipos de contato dos pais com seus filhos em termos qualitativos (forma como o contato ocorre) e quantitativos (tempo de contato). Em Contato insatisfatório os pais percebem a qualidade e/ou quantidade do contato com seus filhos como insuficiente e/ou inadequado, como é possível observar no seguinte relato:

Porque a gente vê que às vezes ele se senta na frente da gente querendo conversar e a gente só fica olhando a televisão, fica 1, 2 horas mudo olhando a televisão e não batemos um papo. (S5).

Em ambos os casos é possível perceber a insatisfação dos pais com essas situações, ficando implícita certa dificuldade em superá-las.

Na subcategoria Contato restrito aos finais de semana se encontra a situação de pais que, por conta das atividades laborais que realizam durante a semana, ficam limitados a estarem mais próximos dos filhos nos finais de semana, como se vê no seguinte relato:

O contato que tenho com essa minha filha é mais nos fins de semana, pois nos dias de semana eu trabalho. (S1).

Em Contato eventual a situação de contato com os filhos também é limitada, porém isto se deve ao fato do pai não conviver com eles. É o que ocorre com S3, conforme é possível perceber em seu relato:

Ultimamente infelizmente tenho feito pouca coisa com ela. (...) Eu com ela é mais assim: como eu vejo ela uma ou duas vezes por mês então cria mais a relação de se conhecer com ela, é mais pra se conhecer, ela me conhecer, conhecer meus amigos, minha vida um pouco, porque não tenho uma rotina com ela.

Em contrapartida, a subcategoria Contato cotidiano demonstra os pais S2 e S4 em proximidade diária com os filhos, conforme é possível ver no relato a seguir:

Tem esportes né, que a gente faz, futebol eu levo eles juntos né, às vezes a gente faz uma janta fora, um lanche, essas coisas. E trabalho escolar, que a gente sempre tá acompanhando, esse tipo de coisa. O tempo é pouco mas sempre tem um espacinho de reserva pra dar educação também. (S2).

Alguns pais alcançam maior proximidade com seus filhos que outros. É percebido também alguns pais buscando se posicionaram como tendo encontrado modos de superar, ao menos em parte, os impedimentos para o contato cotidiano, por exemplo, a escassez de tempo disponível para os filhos.

Se o contato nem sempre ocorre do modo como é desejado pelos pais, é importante identificar quais dificuldades estes pais enfrentam para realizá-lo. É o que é possível observar nas subcategorias Dificuldade por escassez de tempo, Dificuldade por cansaço físico, Dificuldade por condição emocional dos pais, Dificuldade por escassez financeira, Dificuldade por questões de gênero, Dificuldade por falta de espaço público apropriado, Dificuldade por estar envolvido em atividades familiares e Dificuldade por falta de diálogo.

As subcategorias Dificuldade por escassez de tempo e Dificuldade por cansaço físico revelam duas conseqüências do trabalho na qualidade do contato dos pais com seus filhos. Na primeira subcategoria, a carga horária diária das atividades laborais do pai restringe

o convívio com os filhos para as demais horas livres. É uma circunstância intransponível, a não ser que o pai reduza, de alguma forma, seu tempo de trabalho, o que é percebido por eles como inviável. Na segunda subcategoria, a exigência das atividades laborais implicam em desgaste físico, o que resulta em menor disposição para se envolver no contato com os filhos nas horas livres. Igualmente, esta é uma condição que independe da vontade do pai, pois se desdobra da relação entre o trabalho e o limite físico dos mesmos.

Em Dificuldade por escassez financeira também se encontra uma relação que decorre do trabalho exercido pelos pais, porém neste caso se trata das implicações da remuneração deste trabalho, que nos casos objetivados nesta pesquisa é limitada à aquisição de bens e serviços de necessidade fundamental da família, como, por exemplo, alimentação e medicamentos. Uma vez que os recursos disponíveis são limitados, isto é percebido pelos pais como um obstáculo nas possibilidades de atividades que são realizadas com os filhos.

Na subcategoria Dificuldade por falta de diálogo se observa o pai na situação onde a conversação com os filhos não ocorre facilmente, como é possível identificar no relato a seguir:

E quando não tem luz, não tem televisão, alguma coisa a gente faz, uma história, um bate-papo, pergunto como foi na escola, o que aprendeu de novo hoje, a gente vê que pra soltar esse tipo de conversa hoje está mais difícil. (S5).

Quaisquer que possam ser as determinantes dessa situação, sejam por questões do movimento do pai para com seus filhos, sejam por questões do movimento dos filhos para com os pais, ou ambos, o que ocorre é que nesta situação o diálogo entre pais e filhos não se desenvolve espontaneamente.

Esta pesquisa encontra os pais no esforço em assumir ações não antes concebidas na paternidade. A dificuldade por falta de contato pode ser novidade nesse exercício, onde é possível se reportar a Hennigen & Guareschi (2002) sobre os modelos paternos de gerações anteriores, pautadas no distanciamento do pai dos cuidados com os filhos. Aqui o pai já não mais considera a dificuldade adequada. Este dado demonstra a repercussão dos modelos de paternidade de outras gerações no movimento atual dos pais. Uma saúde pública que esteja atenta para o bem-estar das famílias, como são, por exemplo, preconizados pelos “Programas de Saúde da Família” (PSF) e pelos “Núcleos de Apoio à Saúde da Família” (NASF), não deve desconsiderar a importância de criar as condições necessárias para que seja superada esta dificuldade de diálogo que perdura por gerações.

Já em Dificuldade por condição emocional dos pais não há dúvidas em afirmar que se trata de questões expressamente pessoais do pai para com os filhos. A condição emocional do pai implica em certo movimento deste para com os filhos, por vezes dificultando o contato com os mesmos, como pode ser identificado no discurso de S3:

Uma coisa que estou devendo pra ela é andar a cavalo, que vou ter que ainda que levar ela, e eu não gosto de andar a cavalo, tenho medo, não queria que ela andasse, mas aí eu vi que eu tava passando meu medo pra ela, agora vou ter que ir atrás de levar ela pra andar de cavalo, que é o que ela gosta.

Neste caso observado o pai está na busca da superação de seus próprios medos, para poder compartilhar com a filha o que ela deseja vivenciar.

Já em Dificuldade por questões de gênero a situação permanece sem o pai conceber uma maneira satisfatória de superá-la. Trata-se novamente de um impedimento que se dá por questões pessoais do pai, pelo modo como ele percebe a situação, como é possível identificar no discurso a seguir:

No caso, dificuldade pra fazer com a filha né. Quando ela era mais nova a gente ia muito em parquinho, levava ela pra brincar, passeamos bastante.(...) Agora ela ta maior, ta entrando na pré-adolescência, então não tem as mesmas opções de quando era menor. Dá pra levar no parquinho ainda, mas já não gosta tanto. (...) Pra filha o cara já acompanha mais nas apresentações do colégio, é pai né, tem que ir, mas pra filha fica mais a responsabilidade pra minha mulher, eu já sou um cara mais da parte de masculinidade, não tem muita coisa pra se fazer com a filha, pra mim no caso. (S4).

Este pai não encontra a mesma dificuldade de contato com o filho, com quem realiza esportes, vai para quilômetros de arrancada, MotoCross, etc. Não se pode dizer que o gênero é, por si só, um impedimento para que o pai realize atividades com os filhos, mas neste caso observado é o que ocorre. Para Gomes & Resende (2004) o sexo não garante ao homem a identidade masculina; há uma tendência a “lidar com a feminilidade como um dado da natureza, e com a masculinidade como uma conquista cultural” (IBID.: 121). Nesta subcategoria é possível identificar esta dificuldade cultural em lidar com a própria afirmação da masculinidade, uma vez que os relatos apontam para um impedimento do pai em se envolver nas atividades que não sejam consideradas masculinas. Como dito, por si só não há nada que impeça um pai de se relacionar com suas filhas de maneira similar ao que realiza com os filhos. O impedimento está no próprio movimento do pai, da maneira como ele percebe as possibilidades de contato com suas filhas.

Na subcategoria Dificuldade por estar envolvido em atividades familiares se identifica a situação onde o pai, diante das demandas dos familiares para estar em seu tempo livre com eles, escolhe estar realizando atividades com os demais familiares e com isso reduzindo o tempo de contato com os filhos. Fica aqui implícita a separação entre as atividades dos adultos das atividades das crianças, uma vez que a situação é percebida pelo pai como inconciliável.

Em Dificuldade por falta de espaço público apropriado S4 afirma que se houvessem locais adequados para poder estar com seus filhos realizaria mais atividades do que atualmente, conforme é possível constatar em seu relato:

Tem dificuldade também de local, principalmente ali na área onde moro em Palhoça, não tem pracinha perto. Tem no centro de Palhoça, uma vez por mês a gente vai lá, tem um laguinho, a gente olha os peixinhos, brinca no parquinho, mas se tivesse uma praça perto de casa às vezes a gente iria com mais frequência né, andar de bicicleta também, às vezes tem projeto de fazer isso e não tem locais né.

Esse tipo de dificuldade não se dá por questões do movimento do pai com os filhos ou vice-versa, mas pela própria contingência da realidade onde vivem. Aqui aparecem como determinantes as questões sociais, econômicas ou de classe, como já visto anteriormente. Ou seja, é possível que estas dificuldades apresentadas fossem inexistentes ou menos intervenientes em outro contexto antropológico. Em termos de saúde pública, isto implica em piores condições naquela comunidade para o desenvolvimento de práticas saudáveis (neste caso, lazer e atividades físicas), como exemplificados por S4. Ações que efetivamente apreciem a promoção de saúde naquela comunidade não devem desconsiderar essa contingência insuficiente.

Como já exposto, Sartre (1989) afirma que o homem se define por seu fim, ou seja, é seu projeto. Compreende-se que a qualidade do contato que um pai tem com seus filhos, suas dificuldades e estratégias de aproximação, compõem parte do exercício da paternidade, portanto de seu projeto de ser pai. A realização ou não de um contato satisfatório com seus filhos é constitutivo do próprio ser do pai, ou seja, o definem como certo pai e não outro. O pai que é bem sucedido neste projeto está em certo movimento que o faz ser outro que aquele que não obtém similar qualidade. Portanto, o pai que se encontra impedido de realizar um contato satisfatório com seus filhos é também aquele pai que está dificultado em seu projeto de ser pai. É importante considerar essas questões nesta análise para que fique esclarecido que não somente o filho é prejudicado quando pais e filhos vivenciam uma relação de qualidade insatisfatória.

Considerado as dificuldades que os pais enfrentam para estar em contato com seus filhos, é possível observar duas subcategorias onde aparece o movimento do pai na busca de alcançar certa interação com seus filhos: Compensação de disponibilidade por presentes e Tentativa de aproximação com o filho.

Em Compensação de disponibilidade por presentes os pais recorrem ao oferecimento de certos agrados como estratégia para substituir a impossibilidade de um contato de maior qualidade. É o que se observa no relato a seguir:

É, a gente acaba fazendo isso, que no meu ver é errado, (...) de comprar um chocolate, um chiclete, uma doçura pra tentar comprar a criança de alguma forma pra ela ficar feliz. (S1).

É importante considerar que esta estratégia é percebida pelos pais como inadequada. Ainda assim, é uma atitude que eventualmente acabam por recorrer para compensar as dificuldades de contato com os filhos.

Na subcategoria Tentativa de aproximação com o filho é possível identificar o movimento de S5 no sentido de superar a distância que há entre ele e seu filho. É uma busca por resgatar uma proximidade que, por quaisquer dificuldades, não foi possível realizar no passado. É o que é observado no seguinte relato:

Hoje eu estou tentando fazer diferente, sair mais, voltado pras coisas deles, pois às vezes a gente quer sair mas voltado pras coisas da gente né. Dar uma caminhada, um passeio na praia, mas às vezes isso não é o que seu filho quer. (...) Mas o que eu perdi lá no comecinho estou tentando recuperar agora depois que está construído a personalidade né. Estamos tentando, eu acredito que nada se perde, as tentativas que você possa fazer que sejam boas, que sejam saudáveis, vai valer.

Depreendem-se nestas categorias situações percebidas pelos pais como insatisfatórias como consideradas adequadas. Novamente esta pesquisa recorre a Lamb & outros (1985) para avaliar o envolvimento paterno em todos os casos. As diferenças de frequência de contato observadas nesta categoria apontam para diferentes possibilidades de acessibilidade. Há situações onde, ainda que exista a acessibilidade, a interação está prejudicada. A responsabilidade enquanto condição, aqui aparecendo como insuficiente, de garantir os recursos necessários para o filho serve igualmente de obstáculo para a interação.

Em todos os casos, o que se observa são os pais enfrentando uma diversidade de situações onde se encontram facilitados ou dificultados em seu projeto de ser pai, na prática aqui considerado a partir da qualidade do contato que alcançam com os filhos. Estes dados

apontam para certos enfrentamentos que estes pais vivenciam no exercício da paternidade, o que é relevante para os objetivos desta pesquisa.

#### 4.5.2 Distância em virtude da separação

Nesta categoria foram organizadas as seguintes subcategorias: Perda do contato emocional, Assunção por padrasto e Idealização do pai pela não convivência.

Em Perda do contato emocional e Assunção por padrasto se identifica os desdobramentos de uma mesma situação vivenciada por S1, que tem uma filha em outra cidade distante com quem não convive e possui pouco contato. A Perda do contato emocional é objetivada no relato a seguir:

Essa minha filha eu fui embora ela tinha 2 anos de idade, então não sei se ela lembra de muita coisa, ela era muito nova pra entender as coisas, não se acostumou com a presença do pai (...) Então fica uma certa distância com essa filha, distante nos sentimentos, que é diferente do que tenho com essa filha que vive comigo.

Aqui o que se observa é um distanciamento emocional entre o pai e sua filha, a partir da condição de afastamento de convívio. Da maneira como é percebido pelo pai, ambos os lados não possuem vínculos afetivos em igual proporção ao que este pai tem na relação com a filha com quem convive.

Já em Assunção por padrasto se encontra outra repercussão deste afastamento, desta vez com a compreensão por parte de S1 de que outro homem esta assumindo a função paterna em seu lugar. É o que é possível destacar do seguinte relato:

Talvez tenha se acostumado com a presença de outro pai de criação, ou até mesmo do avô.

O que se observa na subcategoria Assunção por padrasto está de acordo com a classificação conceitual, já apresentada nesta análise, de Lobo (2005) para famílias recompostas. A autora aponta a possibilidade ocorrer situações conflituosas para os filhos em famílias recompostas; não é o que aparece nos dados coletados. Aqui a assunção da função paterna pelo padrasto é percebida pelo pai como uma possibilidade que ele constata, sem apresentar no relato a implicação desta possibilidade para sua relação com a filha.

Em contraponto, mas igualmente a partir de uma relação onde não há convívio cotidiano, se observa na subcategoria Idealização do pai pela não convivência a situação onde S3, cuja filha convive com a mãe, percebe que sua filha o valoriza acima do que ele próprio julga merecer, conforme é visto no seguinte relato:

Minha filha tem em mim uma pessoa maravilhosa, muitas vezes não me sinto tanto como eu vejo que minha filha bota confiança em mim.

Nesta situação a distância de convivência entre o pai e sua filha não gerou um afastamento emocional, pelo contrário, possibilitou uma relação que o pai considera não coincidir com o que percebe de si, portanto aqui compreendido como idealizado.

Como já exposto, Sartre (1965) apresenta as emoções como uma forma de relação com o mundo, de apreendê-lo de determinado modo, a partir da maneira como essa relação é construída na objetividade. O que se percebe nas subcategorias Perda do contato emocional e Idealização do pai pela não convivência é que o distanciamento entre os pais com seus filhos foi determinante na relação entre as partes, com diferentes emoções resultantes. Em Perda do contato emocional o afastamento geográfico entre o pai e a filha aparece como impedimento para a efetivação de um vínculo afetivo. Ou seja, a forma de relação entre este pai e sua filha, em outras palavras, a maneira com que essa relação é apreendida pelo pai, é outra que aquela que possui com a filha que convive, diferença esta que o pai em questão percebe e vivencia em termos de contato afetivo entre ambos. O mesmo não ocorre com o pai na subcategoria Idealização do pai pela não convivência, onde esta idealização é compreendida por esta pesquisa como resultado, dentre outros fatores, da situação de pouca convivência entre ambos. Trata-se também de uma relação emocionada, ou seja, de certa forma com que a filha apreende o pai na relação com ele a partir do que com ele vivencia, ou no caso, idealiza a partir do que não vivencia.

O que se observa nesta categoria são os pais enfrentando implicações da distância de convívio com os filhos que resultou da separação com a mãe deles. Estes dados apontam para certos enfrentamentos que estes pais vivenciam no exercício da paternidade, o que é relevante para os objetivos desta pesquisa.

#### 4.6 CONCEPÇÕES DE PATERNIDADE/MATERNIDADE

Esta categoria foi organizada a partir das concepções de pai que surgiram nas falas dos entrevistados. Nesta categoria foram organizadas as seguintes subcategorias: Visão naturalista da paternidade/maternidade, Exemplo aos filhos e Implicação da relação parental nos filhos.

Na subcategoria Visão naturalista da paternidade/maternidade se encontra a concepção de paternidade/maternidade como algo próprio da natureza humana, onde alguns nasceriam dotados desta vocação ou qualidade enquanto outros não. É o que se observa no relato a seguir:

Agora, eu acredito que existam pessoas que não nasceram para serem pais, de ambos os sexos, pais como homem ou mulher. Mas em contrapartida também tem pessoas que nasceram pra serem pais, serem mães, e são bons na medida do possível deles, tentando fazer da melhor forma que puderem e, modéstia a parte, eu me incluo nessa parte que gosta, que nasceu pra ser pai, porque eu gosto de criança, gosto de estar educando, ajudando, fazendo tudo. (S1).

Trata-se de uma compreensão onde as dificuldades e facilidades na relação dos pais para com os filhos é absolutizada como sendo uma questão de natureza vocacional. Hennigen & Guareschi (2002) afirmam que há certa tendência em naturalizar a paternidade, tanto na crença popular como na ciência. Como já visto, os autores criticam essa posição, pois compreendem a paternidade como “uma construção contínua, plural e sempre em aberto, que se processa na tensão cultura/indivíduo” (IBID.: 45). Os relatos coletados confirmam essa tendência de naturalização da paternidade e nela incluem também a mesma concepção para a maternidade. Esta visão naturalista implica em perceber a paternidade/maternidade como sendo um fenômeno estático, imutável ao longo do tempo e da história. O que se vê ao longo da história é justamente o oposto: de acordo com a época e a civilização, surgem diferentes formas de exercer a paternidade/maternidade, ou seja, diferentes maneiras de ser pai ou mãe, o que contradiz qualquer posicionamento determinista e/ou naturalista sobre esses fenômenos.

Em Exemplo aos filhos se identifica nos relatos da totalidade dos pais entrevistados o reconhecimento da paternidade/maternidade como um exercício em que o exemplo dado aos filhos é determinante em suas criações. Há uma diversidade de situações onde os pais apresentam esta concepção, conforme é possível perceber no relato a seguir:

Acho que por eu ser uma pessoa social, estar sempre em contato com bastante gente, eles também se acostumaram com isso. Não tenho inimizade com ninguém, meus filhos nunca me viram brigar. Acho que as crianças seguem muito o comportamento dos pais, se sou um cara bravo, saio xingando todo mundo e coisa e tal, acho que a consequência do teu filho vai vindo ali né. Se o pai é social e se dá bem com todo mundo, o filho também. (S4).

As situações são diferentes, mas todas têm em comum a compreensão da paternidade/maternidade como vinculadas ao exemplo prático e cotidiano, em termos de modelo de vida, com que os pais se apresentam aos filhos.

Como já apresentado nesta análise, para Schneider (2002) aqueles que são mais próximos às crianças as inserem socialmente de determinado modo, transmitindo-lhes certa herança de valores culturais e sociais e instruindo-as para que ajam de determinada maneira. Os relatos apontam para a sucessiva transmissão de certas atitudes por gerações, o que por vezes implica em exigir dos pais certa postura que eventualmente tenham dificuldade em realizar, mas que consideram desejáveis aos filhos. Em todos os casos, os relatos demonstram a concepção dos pais de paternidade/maternidade enquanto exercício que depende do modelo de vida dos pais aos filhos.

Na subcategoria Implicação da relação parental nos filhos a qualidade da relação entre os pais é percebida como tendo desdobramentos nos filhos. Esta concepção é articulada pelo pai S1, que a coloca da seguinte forma:

A presença de pai e mãe é muito importante, porque a criança se desenvolve mas ela fica traumatizada se se desenvolver sem a presença de um ou de outro. Porque é complicado né, não é tudo que a mãe faz que vai substituir o que um pai faz, e não é tudo que o pai faz que vai substituir o que a mãe faz. Então é a união dos dois que vai fazer com que essa criança tenha uma vida com uma base sólida pra poder crescer pro mundo, até pra poder falar na frente “tive pai, tive mãe, fui criado dessa forma”.

Da forma como é percebido por S1, é o entendimento entre os pais que dará certa condição para que a criança se desenvolva adequadamente. A desunião do casal ou a ausência de um dos pais é compreendida por S1 como possibilitadora de consequências traumáticas.

Braz & outros (2005), a partir dos estudos de outros autores, afirmam que há correlação entre os distúrbios na relação dos pais e problemas de comportamento dos filhos. Esta posição é equivalente na concepção que S1 tem das implicações da relação parental no desenvolvimento dos filhos. Ainda que tais implicações não ocorram da mesma maneira em todas as famílias, esta pesquisa compreende que será a partir de certa contingência que os filhos irão se desenvolver, nisto incluso a relação parental. Ou seja, diferentes relações parentais implicarão em diferentes possibilidades de desenvolvimento das crianças. Nisto

concordam, em termos de concepção de paternidade/maternidade, os dados levantados por Braz & outros, o pai S1 e a presente pesquisa.

Em todos os casos, o que se observa são os pais exercendo suas paternidades a partir de determinadas concepções de paternidade/maternidade. Estes dados apontam para certos enfrentamentos resultantes das implicações destas concepções aqui expostas, o que é relevante para os objetivos desta pesquisa.

#### 4.7 SENTIMENTOS ADVINDOS COM A PATERNIDADE

Nesta categoria será apresentado o rol de sentimentos expressados pelos pais quando da reflexão sobre a paternidade. Foram organizadas as seguintes subcategorias: Responsabilidade, Conexão, Preocupação, Satisfação, Amadurecimento, Mudança, Enfrentamento do desconhecido, Naturalidade, Amor, Realização, Angústia, Tranquilidade, Esperança de reaproximação, Frustração com a escassez financeira, Medo, Pertencimento a uma vida em família, Sacrifício pessoal, Necessidade de impedir a frustração do filho e Impotência em impedir o sofrimento emocional do filho.

Observa-se uma vasta diversidade de emoções experienciadas pelos pais com o advento da paternidade, o que aponta para a compreensão deste fenômeno como sendo um objeto emocionador, no sentido empregado por Sartre (1965): “o indivíduo emocionado e o objeto emocionador são unidos numa síntese indissolúvel” (IBID.: 49). Considerando a paternidade enquanto uma construção histórica, é possível compreender que essas emoções igualmente sejam circunstanciais a determinado tempo e sociedade. Como visto, no passado era comum o pai que permanecia afastado dos filhos, inclusive em termos afetivos. Os dados apontam para uma mudança nessa relação com a paternidade.

Elegeram-se algumas subcategorias que apresentarão exemplos das emoções que os pais entrevistados vivenciam no exercício da paternidade, como será apresentado a seguir.

Na subcategoria Responsabilidade:

É uma responsabilidade grande. Tipo, folgar, pensar em ficar um mês sem trabalhar, isso jamais. Então, é exigido, tipo uma obrigação mesmo, não tem como fugir disso. É uma grande responsabilidade, não tem como fugir disso. (S2).

Na subcategoria Conexão:

É teu sangue, se ele sente alguma coisa tu sente, é muito gostoso. Se ele ta alegre tu ta alegre, se ele ta triste tu ta triste, então é como se fosse uma raiz que se desgarrou, é um pedaço de ti que está tomando vida, já tomou vida no caso, está crescendo né. (S2).

Na subcategoria Satisfação:

Teria até palavras, que no momento me fogem, pra descrever a sensação de ser pai, mas não tem nada melhor no mundo que ser pai, isso pra mim é a melhor coisa do mundo. (S1).

Na subcategoria Realização:

É um sentimento de realizar um sonho, de realização, tenho satisfação, sei que tenho que batalhar um pouquinho mais pra dar um padrão pra eles, mas eu me sinto realizado. (S4).

Na subcategoria Medo:

Deu mais medo do que arrependimento ou alguma coisa assim, deu muito medo, porque pensava “será que eu vou ter condições de segurar isso aí?”. Não tem como voltar atrás, não podia pedir ajuda pra meu pai ou pra minha mãe. (S3).

Na subcategoria Sacrifício pessoal:

Você apanha para que eles não apanhem, você briga pra que eles não briguem, você sofre pra que eles não sofram, você perde para que eles ganhem, então é uma coisa assim fantástica, e não tem idade não, do meu filho mais novo ao mais velho é a mesma coisa. (...) Embora aprontaram pra você, tiram seu sossego, sugam de você, tiram sua paz, mas o sentimento é uma coisa fantástica. (S5).

É possível identificar uma diversidade de situações onde o pai se emociona, ou seja, apreende o mundo de determinada forma, conforme constatações de Sartre (1965), podendo estas emoções ser percebidas como benéficas ou prejudiciais no exercício da paternidade. Como visto, para Sartre (1965) “a emoção é sofrida” (IBID.: 67), ao que o autor acrescenta: um sujeito que se amedronta diante de certa situação, ainda que sua ação seja de permanecer e lutar, não pode evitar que lhe ocorra o medo, seu coração dispare, seu corpo trema. De modo equivalente, os pais sujeitos desta pesquisa são passivos das emoções que sofrem, tendo que com elas lidar no exercício de sua paternidade.

O que se observa nesta pesquisa são os pais exercendo suas paternidades a partir de determinadas emoções que ocorrem em seu cotidiano. Estes dados apontam para certos enfrentamentos resultantes das implicações destas emoções, o que é relevante para os objetivos desta pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou identificar os enfrentamentos que os pais de crianças usuários da UBS do bairro Bela Vista – Palhoça vivenciam no exercício da paternidade. Para tal, foram realizadas cinco entrevistas com diferentes pais e posteriormente esses discursos foram analisados e discutidos a partir dos conhecimentos de diversos autores. Foi eleito o enfoque em três dimensões relacionais onde estes enfrentamentos poderiam ocorrer, qual sejam: na relação do pai com sua emoções, na relação do pai com os filhos e na relação do pai com a mãe de seus filhos. O objetivo desta pesquisa foi alcançado na medida em que se identificou uma diversidade de enfrentamentos em todos esses aspectos, aqui explicitado nas mais diferentes situações cotidianas em que os pais entrevistados exercem sua função paterna.

É importante contextualizar a dificuldade encontrada pelo pesquisador em coletar as entrevistas. Foram necessárias muitas tentativas com os pais para que eles aceitassem participar da pesquisa. Este dado aponta certo constrangimento nos pais em falar sobre sua condição paterna, o que reforça a compreensão de que os pais, muitas vezes, podem ter certa falta de tranquilidade para lidarem com a própria condição paterna. Como já visto nesta pesquisa, não é rara a figura do pai ausente ou distanciado dos cuidados dos filhos, portanto não é de se surpreender que isto repercuta na dificuldade experienciada pelo entrevistador em encontrar pais disponíveis para falar sobre este perfil de ser.

Permanece predominante o modelo de pai como provedor e principal responsável pela educação moral dos filhos, tal como faziam as gerações anteriores. Observa-se o esforço de superação desse modelo com o envolvimento pelos pais nos cuidados e atenções aos filhos, na prática se efetivando na assunção de responsabilidades nesses cuidados. A relação com outros familiares, assim como os desdobramentos das novas configurações familiares, interferem diretamente no movimento paterno. O pai distanciado emocionalmente só é confirmado nesta pesquisa em situação de afastamento geográfico, sendo que nos demais casos se encontram envolvidos em uma diversidade de sentimentos na relação com os filhos. Conclui-se que, em contraste com a prevalência dos modelos paternos de outras gerações, o pai se depara com novos enfrentamentos no exercício da paternidade provenientes da necessidade pessoal de superar os modelos anteriores em busca do bem-estar geral do filho. A estes enfrentamentos, somam-se os de gerações anteriores: ser um exemplo aos filhos, educá-los moralmente e garantir as condições materiais necessárias.

A psicologia existencialista sartreana apresenta a paternidade como um perfil de ser possível, no qual sua realização ou inviabilização serão determinantes para a própria condição de ser do sujeito que assumiu para si este projeto. Os enfrentamentos experienciados pelos pais entrevistados fazem parte do contexto deste projeto, de tal maneira que suas possibilidades enquanto pais estão vinculados ao que enfrentam. A família, em suas mais diversas configurações, permanece sendo um dos espaços onde a herança cultural é transmitida, o que os pais entrevistados não ignoram, buscando as estratégias que consideram mais adequadas para criar seus filhos e lhes ensinar o que julgam ser fundamental. Do enfrentamento das contingências do exercício da paternidade se desdobram uma vasta diversidade de emoções que com os pais ocorrem e que igualmente têm que com elas lidar. A paternidade, enquanto fenômeno próprio de certo contexto antropológico, aqui foi apresentada no movimento dos pais entrevistados face às exigências implicadas com esse exercício.

Esta pesquisa alcançou enfrentamentos em dimensões práticas da vida dos pais. Os pais experienciam uma proximidade afetiva na relação com seus filhos e assumem responsabilidades paternas de modo outro que de gerações anteriores. Tais dados podem ser relevantes em futuras pesquisas que lidem com essa população, em se considerando como estratégico no campo da saúde compreender as transformações históricas da paternidade para com isso orientar projetos de intervenção que possam ser benéficos para as famílias que vivam em contextos similares aos da população investigada. Os enfrentamentos foram identificados, porém em muitos casos não se alcançou as determinantes que esclarecem suas condições de possibilidade para que ocorram. Isto conduz a sugerir que futuras pesquisas possam esclarecer essas determinantes, dadas no contexto antropológico em que as famílias estão inseridas e no movimento da família na relação com essa contingência, o que seria também estratégico para intervenções que busquem auxiliar os pais no exercício da paternidade.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; BRAGA, Maria da Graça Reis. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822005000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da criança e do adolescente**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

BRAZ, Marcela Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora; SILVA, Nara Liana Pereira. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722005000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

CAMPOS, Elisa Maria Parahyba et al. Intervenção em grupo: experiência com mães de crianças com câncer. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 3, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000300021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300021&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

CASTRO, Fernando José Gastal. **A problemática da definição de psíquico nas pesquisas de Wanderley Codo e colaboradores sobre o sofrimento psíquico no trabalho**. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CERQUEIRA, A. T. A. R. O conceito e metodologia de coping: existe consenso e necessidade? **Sobre comportamento e cognição**, Santo André, v. 5, pp. 279-289, 2000.

EHRlich, Irene Fabrícia. **Contribuições do projeto de ser em Sartre para a psicologia de orientação profissional**. 2002. 241 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

EVANDOWSKI, Daniela Centenaro; PICCININI, Cesar A.. Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 1, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext &pid=S0102-37722006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0102-37722006000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

FARINATI, Débora Marcondes; RIGONI, Maisa dos Santos; MULLER, Marisa Campio. Infertilidade: um novo campo da Psicologia da saúde. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 23, n. 4, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2006000400011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000400011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 2, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext &pid=S0102-37722004000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0102-37722004000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822002000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

JARDIM, Fernanda Caldas et al . Intervenção psicoterápica de grupo com pais e bebês: relato de um caso. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v. 29, n. 3, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010181082007000300012 &lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010181082007000300012 &lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

LAMB, M. E., PLECK, J. H., CHARNOV, E. L., & LEVINE, J. A. Paternal behavior in humans. **American Zoologist**, vol. 25, n. 3, 1985. p. 883-894

LENIN, W. I.. Uma grande iniciativa. In: **Obras Escolhidas**, Vol. 3, São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. p. 139-160.

LOBO, Cristina. Famílias recompostas: revisitar a produção americana (1930-2000). **Sociologia**, n. 48, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292005000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292005000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

NUNES, Carla Cafarate; AMADOR, Tânia Alves; HEINECK, Isabela. O medicamento na rotina de trabalho dos agentes comunitários de saúde da unidade básica de saúde Santa Cecília, em Porto Alegre, RS, Brasil. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010412902008000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902008000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

PERUCCHI, Juliana; BEIRAO, Aline Maiochi. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

PRADO, Alessandra Bonassoli; PIOVANOTTI, Marcelo Richar Arua; VIEIRA, Mauro Luís. Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego**. Lisboa: Colibri, 1994.

\_\_\_\_\_. **Esboço de uma teoria das emoções**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

\_\_\_\_\_. **L'Idiot de la famille: Gustave Flaubert, de 1821 a 1857**. Paris: Gallimard, 1971.

\_\_\_\_\_. **O muro**. São Paulo: Círculo do livro, 1989.

SCHNEIDER, D. **Novas perspectivas para a psicologia clínica**: um estudo a partir da obra 'Saint Genet: comédien et martyr' de Jean-Paul Sartre. 2002. 338 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, PUC-SP, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. Novas perspectivas para a psicologia clínica a partir das contribuições de J. P. Sartre. **Interação em psicologia**, Curitiba, jan./jun. 2006, (10)1, p. 101-112.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de ensino à distância da UFSC, 2001.

SILVA, Milena da Rosa; PICCININI, Cesar Augusto. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 24, n. 4, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2007000400015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

THURLER, Ana Liési. Outros horizontes para a paternidade brasileira no século XXI?. **Soc. estado.**, Brasília, v. 21, n. 3, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922006000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Jun 2008.

VAN DEN BERG, J. H.. **O paciente psiquiátrico**: esboço de psicopatologia fenomenológica. Campinas: Livro Pleno, 2000.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Informações gerais (idade, estado civil, número de filhos, quantos filhos que são crianças).
- 2) Você vive em relação conjugal com a mãe de algum dos filhos que é criança? Você tem filhos que são crianças fora da atual relação conjugal? Você tem contato com esses filhos?
- 3) Como é a relação com a mãe do seu filho que é criança para a criação desse filho? Há situações onde considera que o relacionamento com a mãe do seu filho que é criança interfere na sua relação com esse filho? Que situações são essas? Elas ocorrem com que frequência?
- 4) Quais atividades você faz com seu filho que é criança? Com que frequência?
- 5) Há momentos em que você encontra dificuldades em fazer atividades com seu filho que é criança? Quais são essas dificuldades? Com que frequência surgem?
- 6) Quem é o principal responsável financeiro pelo seu filho que é criança? Há outros responsáveis? Quem são?
- 7) Como você lida com a responsabilidade financeira pelo seu filho que é criança, ou o que faz diante dessa responsabilidade?
- 8) Quem é o principal responsável pelos cuidados com a saúde do seu filho que é criança? Há outros que são também responsáveis pelos cuidados com a saúde do seu filho que é criança? Quem são?
- 9) Como você lida com a responsabilidade pelos cuidados com a saúde do seu que é criança, ou o que faz diante dessa responsabilidade?
- 10) Quem é o principal responsável pelos cuidados com a educação do seu filho que é criança? Há outros que são também responsáveis pelos cuidados com a educação do seu filho que é criança? Quem são?

11) Como você lida com a responsabilidade pelos cuidados com a educação do seu que é criança, ou o que faz diante dessa responsabilidade?

12) Quem é o principal responsável em ensinar seu filho que é criança a se relacionar com outras crianças? Há outros que são também responsáveis em ensinar seu filho que é criança a se relacionar com outras crianças? Quem são?

13) Como você lida com a responsabilidade em ensinar seu filho que é criança a se relacionar com outras crianças, ou o que faz diante dessa responsabilidade?

14) Sendo pai de uma criança, quais foram os sentimentos que surgiram? Como foi? Com que intensidade? Com que frequência? Como você lidou com esses sentimentos que surgiram, ou o que você fazia quando surgiam esses sentimentos?

## ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA  
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO**

O presente Projeto de Pesquisa intitulado “**Enfrentamentos no exercício da paternidade de pais de crianças usuários da UBS do bairro Bela Vista – Palhoça**”, consiste no Trabalho de Conclusão de Curso e é uma atividade da disciplina TCC-I, dentro do Núcleo da Saúde, do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Eu, \_\_\_\_\_ confirmo que o acadêmico e pesquisador **Rafael Perboni** informou-me do que se trata esta pesquisa, onde estou ciente de que disponibilizarei cerca de 60 minutos para responder às suas perguntas, durante somente um encontro, com data e hora combinado previamente. O local será em espaço reservado dentro da Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça, da qual sou usuário, ou em se acertando a necessidade, em espaço reservado em minha residência, não necessitando com isso me deslocar para outra localidade que não esteja prevista. A entrevista decorrerá com base em um roteiro com aproximadamente 14 perguntas, as quais tenho plena liberdade de não respondê-las, se assim achar necessário.

Sei que o objetivo desta pesquisa é identificar os enfrentamentos encontrados por pais de crianças para exercer sua paternidade, e tais perguntas não oferecem nenhum tipo de risco para o sujeito entrevistado, assim como também não apresentam nenhum tipo de desconforto para a pessoa que irá respondê-lo. Minha participação nesta pesquisa é muito importante, porque ao responder suas perguntas estarei colaborando para o desenvolvimento de seu trabalho, o que amanhã ou depois, poderá estar beneficiando outros sujeitos em situação semelhante a minha. Estou também ciente de que no decorrer da entrevista somente o entrevistador estará presente.

Este trabalho de pesquisa pode ser utilizado como base para publicação, e caso eu tenha alguma dúvida, poderei contatar com o pesquisador pelo telefone (48) 84075053 ou pelo e-mail [djperboni@hotmail.com](mailto:djperboni@hotmail.com) . Ainda assim, poderei contatar com sua orientadora, a Prof<sup>a</sup>. Ana Maria Pereira Lopes, pelo telefone da UNISUL - (48) 3279-1084.

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao projeto e que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso:

---

RG :

---

Local e Data:

---

Assinatura:

---

Adaptado de: (1) South Sheffield Ethics Committee, Sheffield Health Authority, UK; (2) Comitê de Ética em pesquisa - CEFID - Udesc, Florianópolis, BR.

**ANEXO B – Termo de consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações**



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA  
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL  
CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E  
GRAVAÇÕES**

Eu \_\_\_\_\_ permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa:

\_\_\_\_\_

RG:

\_\_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Nome dos pais ou responsáveis:

\_\_\_\_\_

RG:

\_\_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Se o indivíduo é menor de 18 anos de idade, ou é legalmente incapaz, o consentimento deve ser obtido e assinado por seu representante legal.

Equipe de pesquisadores:

Nomes:

Rafael Perboni

Data e Local onde será realizado o projeto: Entre Agosto e Dezembro de 2008 na Unidade Básica de Saúde do bairro Bela Vista – Palhoça, ou em residência do sujeito entrevistado

Adaptado de: Hospital de Clínicas de Porto Alegre / UFRGS